

ANO 10 - NÚMERO 121 - NOVEMBRO 2024



xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 nova 14 dez/24



ATHOS PEREIRA:

“NÃO ME PERTENCE MAIS A SOMBRA QUE INDAGUEI”

p. 08

FAMÍLIA

Irmão Coragem

p. 16

MEMÓRIA

“O mió dos mió”

p. 35

DESPEDIDA

Cinzas ao rio

p. 49

A Fenaé está há mais de cinco décadas ao lado do empregado da Caixa.

Acompanhamos as lutas e caminhamos juntos em defesa dos bancários da Caixa.

Defendemos a Caixa pública, forte e social para um Brasil melhor.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Conheça mais sobre a Fenaef, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

Acesse e saiba mais::



[/fenaefederacao](#)



[@fenaefederacao](#)



www.fenaef.org.br



[/company/fenaefederacao](#)



[\(61\) 98142 8428](tel:(61)981428428)

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: *Xapuri* Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



ATHOS PEREIRA: “Não me pertence mais a sombra que indaguei”

Neste novembro, nossa *Revista Xapuri* completa dez anos. Existe maneira mais justa e própria de celebrar nossa primeira década que honrar a vida de um resistente?

Exemplo de luta e inspiração para a resistência. Essas foram as grandes contribuições de Athos Pereira para a nossa própria jornada de luta e de resistência: seguir sonhando, seguir lutando. Na verdade, seguir esperneando, como foi, até o fim, o existir deste nosso companheiro.

Os mais de 100 depoimentos colhidos por sua companheira Thais, nossa jornalista responsável desde as primeiras edições, ou a nós enviados por seus familiares, suas amigas e seus camaradas, traçam o perfil de um companheiro que, em vida, fez o que tinha que ser feito: travou o bom combate, sempre!

Celebremos, pois, o legado de Athos Pereira.

Boa leitura. Bom proveito!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Traiano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.





Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

121

NOV 24

08 **Athos Pereira:**
"Não me pertence mais a sombra que indaguei"

16 **Irmão Coragem**

13 **Amo-te tanto, meu amor...**

18 **Família**

14 **Filha e filhos**

20 **Família Cajuína**

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

22 **Um pacto com a permanência**

23 **Um democrata convicto**

24 **Facho de luz**

25 **O que nos unia**

26 **Notas de pesar**

27 **Gratidão**

28 **Um cidadão universal**

29 **Um grande estrategista**

30 **Os Pereira no exílio:**
Entrevista com Dagmar Pereira

33 **Botafogo, uma paixão**

34 **Um querido companheiro**

35 **"O mió dos mió"**

36 **Sempre um rebelde**

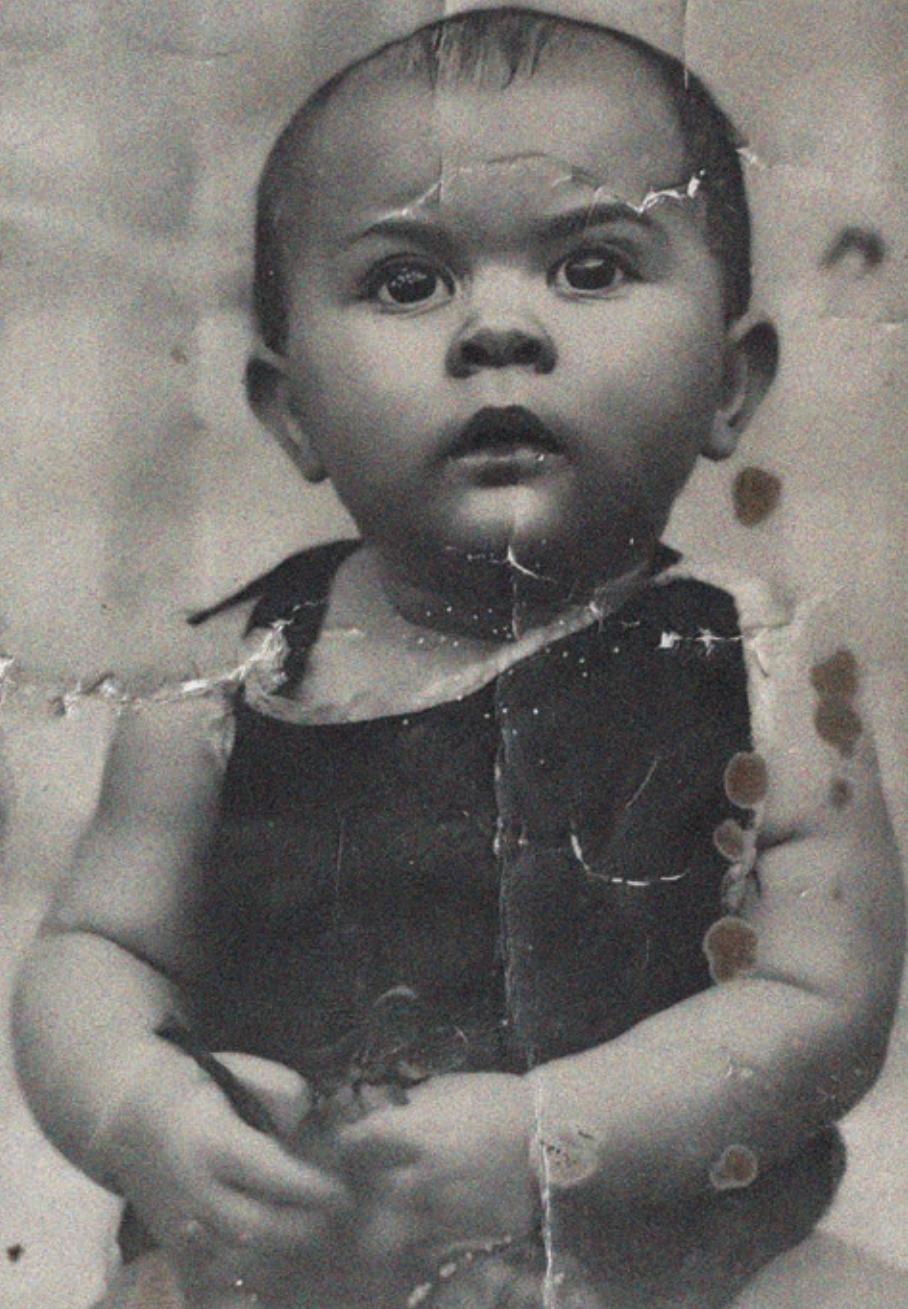
38 **Acima de tudo, um petista**

42 **Um militante imprescindível**

44 **Um legado incontestável**

46 **Saudade: presença que fica**

49 **Cinzas ao rio**





ATHOS PEREIRA: “NÃO ME PERTENCE MAIS A SOMBRA QUE INDAGUEI”

Somos uma geração afeita aos impossíveis. Com esse verso de Neruda, ele abriu seu discurso de indicado ao Senado pelo Partido dos Trabalhadores de Goiás, em 1986, no Centro Português, salvo engano, em Goiânia. Talvez estivesse virando uma página da vida que não conhecíamos.

Econômico ao falar de si mesmo, recuperou, por alguns instantes, a atribulada trajetória: a militância, a clandestinidade, a prisão, o longo exílio e o retorno ao Brasil com a anistia de 1979. Comoveu.

Não tinha a mais remota chance de vencer. Mas ali estávamos todos movidos pela convicção de que “...não importa o porto/ mas a paixão de navegar”.

Vivíamos um momento de reconstrução das organizações populares e de grandes expectativas de transformação do país. As experiências que trazia eram inspiradoras para a jovem militância que vinha das lutas sociais e ele buscava traduzi-las na luta política proposta pelo Partido dos Trabalhadores.

Não gostava de música, na adolescência. Talvez para marcar diferença contra seu entorno, embalado pela sanfona de Luiz Gonzaga e pela descoberta da Bossa Nova, talvez para se dar o tempo necessário de aprender a ouvir e definir, ele próprio, suas escolhas.

Andava mergulhado em livros. Absorvido por eles. Descobrira Graciliano e ficara fascinado com as figuras de Luís da Silva em *Angústia*, Paulo Honório em *São Bernardo*, Fabiano em *Vidas Secas*, personagens esculpidas a canivetes, em madeira, pelo talento sertanejo do romancista.

Lia em voz alta *As Forças Morais* de José Ingenieros; *A virgem de 18 quilates* de Pitigrilli; *Ibis* de Vargas Vila; encontrou numa estante da biblioteca do ginásio um exemplar de *O Adolescente* de Dostoiévski.

Uma mistura eclética incapaz de saciar a curiosidade das grandes inteligências. Nunca aderiu a dogmas, fossem eles de natureza religiosa ou política. “Pensar é livre pensar”, diria Milôr, uma figura que admirava.

Trouxe-me uma tarde, impresso numa revista literária, o *Cântico Negro*, de José Régio, o poeta português. Sinal do que se passava no seu espírito, naquele momento, meados dos anos sessenta, agitado pelas tormentas da idade e pelas sombras do terror que baixavam sobre o país.

*“Vem por aqui” – dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui”!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...*

*A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.*

*Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Por que me repetis: “vem por aqui”?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...*

*Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.*

*Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...*

*Ide! tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...*

*Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.*

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"
 A minha vida é um vendaval que se soltou.
 É uma onda que se alevantou.
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei para onde vou,
 Não sei para onde vou
 – Sei que não vou por aí!*



De algum modo o poema de José Régio prefigurava a trajetória que traçou para si mesmo.

Sexto filho de retirantes nordestinos, Sabino e Ana, que se deslocaram do Piauí, em 1930, para a região norte de Goiás, Athos Pereira nasceu em 20 de novembro de 1946, em Porto Nacional.

Ali concluiu, com destaque, em escolas públicas, os cursos primário e ginásial, estimulado pela aguda consciência e rigor dos pais de que a educação era fator fundamental para quem vinha da pobreza abrir portas às (poucas) oportunidades da vida.

O golpe de abril de 1964 o alcançou com 18 anos, quando o irmão primogênito, Hosterno Pereira, cumpria o mandato de Prefeito da cidade. Fora eleito em 1960, e era identificado com as forças políticas aliadas ao Presidente João Goulart e ao Governador Mauro Borges, depostos pelo golpe civil-militar.

A família, portanto, foi diretamente impactada pelo golpe, resultando no afastamento do irmão mais velho por alguns meses da condução da prefeitura. Hosterno recuperou na justiça o mandato, concluiu-o e elegeu o sucessor.

A exemplo do que ocorria com as famílias pobres e numerosas do Brasil profundo, Athos seguiu sua formação com o apoio de um dos sete irmãos, Gerson, com quem foi viver, em Catanduva, interior de São Paulo, onde concluiu o curso médio. Prestou o concurso vestibular na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, para os cursos de Matemática e Física, e Jornalismo. Foi aprovado nos dois.

Mergulhou de imediato na militância política que atraía a juventude brasileira, no conturbado ano de 1968, a manifestar-se contra o arbítrio da ditadura. Os generais buscavam então impor à sociedade os acordos MEC-USAID que haveriam de mudar a face das instituições de ensino no Brasil.

Aquelas mobilizações históricas lançaram na vida pública uma geração de jovens lutadores que marcaria com grandes movimentos de massa a resistência contra o regime.

Uma geração cujo destino foi truncado pelo ato de força de 1º de abril e caçada de forma implacável como animais depois do AI-5, pela repressão da ditadura que atormentou o país de 1964 a 1988, quando passamos a contar com uma nova Constituição.

Durante os anos de chumbo, Athos, como muitos outros jovens de sua geração, foi alvo de detenção pela repressão política do regime contra o movimento estudantil e submergiu na clandestinidade depois da imposição do AI-5, em 13 de dezembro de 1968. A partir dali perdera as condições de sobreviver legalmente à perseguição do regime.

Engajou-se na Ação Libertadora Nacional – ALN, fundada por Carlos Marighella, onde militou até 1972, em São Paulo, quando deixou o país e se refugiou no Chile da Unidade Popular, primeira experiência socialista que alcançara o poder na

América Latina, pela via eleitoral, liderada por Salvador Allende.

Testemunhou de perto como participante – ao lado da irmã, Dagmar, também exilada – da vertigem de viver um projeto em que uma das sociedades mais organizadas e politizadas do continente, naquele momento, buscava sacudir o jugo colonial imposto pelo Império sempre empenhado no saque de seus recursos naturais. E, soberanamente, construir uma sociedade socialista por meio de ampla mobilização popular.

Ano e meio depois, viveu para vê-la esmagada pelas forças associadas aos interesses antinacionais das classes dominantes chilenas, com o sanguinário golpe de estado de 11 de setembro de 1973, desferido pelas Forças Armadas comandadas pelo carniceiro Augusto Pinochet, sob os aplausos e explícito o apoio de Henry Kissinger e da Casa Branca.

Refugiou-se na embaixada do México. Com Dagmar e outros brasileiros, somou-se a um numeroso grupo de cidadãos, chilenos em sua maioria, seguidos de uruguaios e argentinos, que buscavam escapar do terror desencadeado pelos carabineros de Augusto Pinochet.

Foram enviados pelo governo mexicano, ao lado da viúva de Salvador Allende, Hortencia Bussi, para a cidade do México, onde permaneceram por cerca de quatro meses, até encontrar, com apoio das Nações Unidas, um país que lhes oferecesse asilo permanente.

Desembarcaram em Zaventem, aeroporto de Bruxelas, sob o frio de janeiro de 1974. Permaneceram por cinco anos na Bélgica, até que a pressão dos setores organizados da sociedade brasileira levasse o último general da ditadura, João Batista Figueiredo, a assinar, em 28 de agosto de 1979, a Lei de Anistia que permitiu o retorno dos refugiados brasileiros ao país.

Nunca foi dado a efusões. Ao regressar, depois de sete anos de

exílio, estendeu a mão, talvez para evitar o abraço, e me cumprimentou com afeto, olhos nos olhos, contido, cúmplice como se tivesse ido comprar um cigarro, na esquina.

Meses depois, Athos somava-se ao esforço militante que resultaria na fundação do PT, no 10 de fevereiro de 1980. Desde então, empenhou-se na construção desse instrumento democrático de defesa dos direitos dos trabalhadores brasileiros, como militante e como dirigente, como membro do Diretório Nacional do Partido, como Presidente Regional do PT ou como vice-presidente do PT

Formosa. Fez do PT o sentido mais profundo de sua vida. Transferiu-se para Brasília, onde passou a residir desde os anos 1990, e dedicou-se à consolidação da legenda, com a criação das Comissões Municipais Provisórias, com vistas a vencer os obstáculos legais ao registro de um Partido que nascia de baixo pra cima.

E, mais tarde, particularmente no suporte de sua representação parlamentar na Câmara dos Deputados, incluído aí o processo Constituinte, contribuindo com diferentes mandatos de deputados até assumir a Chefia do Gabinete da Liderança do PT, onde



atuou até aposentar-se como servidor efetivo daquela Casa.

Um lutador que faz parte da geração de socialistas que resistiram à ditadura, contribuíram de forma relevante com a reconstrução e consolidação da democracia brasileira.

Seguirá oferecendo sua contribuição com seu exemplo às organizações de base dos setores populares por uma sociedade sem explorados e sem exploradores, como define o Manifesto de fundação do PT: o retorno à base. Ao trabalho quotidiano de construção em estreita ligação com as lutas sociais para combater o neofascismo contemporâneo.

Não deixou de amar para dedicar-se às lutas da Resistência à ditadura, aqui, no Chile ou em qualquer país por onde andou. Do primeiro casamento com a assistente social Liliana Lemus nasceram Joaquim, Pedro e Maria. Eles lhes deram os netos Valentina, Rodrigo, Clarice e João Vítor, que iluminaram seu outono.

Do segundo casamento, com a jornalista Thais Maria Pires, aco-

lheu como filhos Camila, Augusto e Júlia, e os netos que vieram: Lucca, Luiza e Ian. Sobre essa nova etapa de sua vida, serei apenas a voz que converte em som as palavras que escreveu um dia:

Muitas são as formas da expressão humana. A mim não me tocou dançar, cantar ou exercer qualquer tipo de música. Tampouco me coube qualquer intimidade com os instrumentos das artes plásticas ou com as câmeras que registram imagens. Os circos de minha infância eram frágeis. (...) Parto da suposição de que você é um pouco responsável por mim. Porque, tal como sou hoje, não deixo de ser uma invenção sua.

E todos nós que cercamos a longa agonia testemunhamos a abnegação e a profundidade desse amor maduro que respirou por ele, Thais, Thais, Thais... até a manhã do dia 13 de agosto, quando lhe faltou o alento e se despediu.

Uma última palavra, todos os que o cercamos ao longo da vida levaremos a lembrança do humor

cáustico e a predileção pelo *Grants*. Na política uma visão estratégica socialista de transformação da sociedade a longo prazo, combinada com uma visão tática pragmática para o imediato.

Seguiu sendo um leitor apaixonado: Gabriel García Marquez, Borges. E a reconciliação com a música: *Ne me quite pas*, de Jacques Brel, segundo ele um Chico Buarque belga, e os barrocos clássicos europeus: Albinoni, Bach, Vivaldi, que o acompanharam até os últimos dias.

No fim: o rio, as cinzas, as rosas, o vento e o *Concerto de Aranjuez*, para fecundar a vida dos que vão nascer, inspirados por esse coração militante.

Hamilton Pereira da Silva, Pedro Tierra, irmão de Athos Pereira, casado com Juliana, pai de Ana Terra, Alexandre, Francisco e Sophia. Palavras proferidas durante o ritual de despedida, realizado no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília, na tarde do dia 14 de agosto de 2024





"Amo-te Tanto. Meu Amor..."

*Amo-te tanto, meu amor.. não cante
O humano coração com mais verdade..
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.*

*Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.*

*Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.*

*E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.*

Conheci esse Soneto do Amor Total, de Vinicius de Moraes, na voz do Athos que, com alguma frequência, declamava para mim. Athos era também um romântico. Tenho orgulho de ter vivido, com ele, uma relação de muito amor, companheirismo, cumplicidade. "... Amo-te, enfim, com grande liberdade, dentro da eternidade e a cada instante...", repito eu, agora.

Thais Maria Pires,
companheira de Athos Pereira



FILHA E FILHOS

Toda vez que falo do meu pai é um reencontro com as minhas raízes. E gera o orgulho de ter vindo de um homem tão inspirador. Athos Pereira veio de origem humilde, soube superar todos os desafios que uma vida contestadora poderia oferecer e nunca desistiu de viver em um país melhor. Lutou até o fim para ver um Brasil mais justo e solidário. Apesar de não ter visto em vida o seu sonho se concretizar, tenhamos a certeza de que ele semeou em muitos corações a vontade de lutar por esse país que tanto ansiou, o qual surgirá com a luta coletiva de todos nós. Te amo, pai.

Joaquim Lemus Pereira,
casado com Eliane, pai de Valentina

Querido pai, sempre o terei em minha memória com gratidão e amor. O senhor foi para mim muito mais que um pai; foi fonte de inspiração. Sua história e suas lições sobre valores políticos e culturais construíram meu entendimento de mundo e me ensinaram sobre a importância de lutar pelo que é justo. Sua necessidade de obter o máximo de conhecimento possível por sua própria iniciativa, sem cobrança de nenhuma espécie, apenas por vontade pessoal de aprender, foi uma das maiores heranças que me deixou, a compreensão de que o conhecimento é o caminho para a liberdade e para as mudanças. Entretanto, o maior exemplo que o senhor me deu foi a prática constante da solidariedade. Seu exemplo de humanidade, empatia e compaixão é algo que carrego comigo a cada dia e que continuará a orientar minhas escolhas. Mesmo após sua despedida, seu legado estará vivo, dentro de mim e de seu querido Rodrigo, seu neto, em cada ação, em cada palavra e em cada gesto de cuidado que cultivaremos em nossas vidas. O senhor sempre será para mim uma fonte de inspiração, um exemplo que levarei comigo até o fim.

Pedro Lemus Pereira, casado com Vanessa, pai de Rodrigo

Pai, sempre vamos nos recordar com carinho das histórias e memórias que o senhor nos deixou como herança. O carinho por Porto Nacional, as brincadeiras no Rio Tocantins, a paixão pelo Botafogo e a busca incansável por conhecimento ficarão para sempre em nossos corações. Tenha certeza de que os seus netos levarão as melhores memórias afetivas do Vovô Athos. A saudade aperta, mas ficamos tranquilos em saber que você está em paz.

Maria Lemus Pereira Ribeiro, casada com Igor, mãe de João Vitor e Clarice



Athos, meu irmão, meu afilhado, meu ídolo, construiu uma vida digna abraçado com a ética, único caminho que enobrece o ser humano. Homem simples, despido de vaidade e humilde de origem familiar. Um dia resolveu dar uma volta pelas ruas de Porto Nacional. Não se preocupava, se o sapato, sandália ou o chinelo estavam em ordem para a sua caminhada. Descuidava como sempre, se a roupa estava passada a ferro ou não, sabia que estava vestido e calçado. Andava a passos lentos, deixando para trás a poeira das ruas não asfaltadas. No seu trajeto ouvia uma pessoa, outra pessoa e mais pessoas que faziam as suas narrativas pessoais, pois ele queria conhecer os meandros de uma sociedade à qual ele pertencia. Analisando o que ouvia encontrou contrastes no meio em que vivia. Algumas personagens se alimentavam bem e bebiam vinhos importados de Portugal, eram

os ricos; os pobres comiam arroz, feijão, pequi, era a fome em potencial. Os ricos tinham moradias suntuosas mobiliadas com móveis importados da Áustria, via Belém do Pará; o pobre descansava em choupanas de sapé, parede de pau a pique ou passava a noite em casa de enchimento. Os ricos tinham tratamento médico de qualidade, com uso de medicamentos manipulados com matéria-prima virada ou da França ou Alemanha; o pobre para curar a sua doença, bebia chá de ervas e aplicava soro fisiológico de meretriz da para sarar seu moerão. Pelo que ouvia pelas ruas, concluiu que havia uma profunda desigualdade social e que ele precisava combatê-la, pois em todos os segmentos de sociedade fiveram tratamentos iguais, afinal o ser humano, é um só, não importava a cor e outros perseguições, pois o direito à cidadania é universal.

IRMÃO CORAGEM

A memória guardará o que valer a pena.

A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano

O que posso dizer do meu irmão Athos? Quem tinha o dom da palavra era ele. Um homem de bem! Sua coragem, espontaneidade, honestidade, generosidade, simplicidade, amizade e franqueza farão falta neste mundo. Um irmão companheiro e amigo. Um homem que carregou em si várias culturas trazidas por suas leituras e vivências, mas que em seu íntimo ainda guardava o menino simples do interior do Brasil. Suas lutas estarão vivas em nossas mentes e corações. Guardo as recordações e as boas memórias. Ainda sinto o apertar de suas mãos quando a voz já não era audível. Meu coração se alegra por ter tido o privilégio de ser sua irmã. Segue daí, que seguimos daqui, na certeza de que em algum momento nossos corações se juntarão novamente.

Maria José da Costa, Mazé, irmã de Athos Pereira, mãe de Ana Maria, avó de Clara e Davi

Athos, meu irmão, meu afilhado, meu ídolo, construiu uma vida digna, abraçado com a ética, único caminho que enobrece o ser humano. Homem simples, despido de vaidade e humilde de origem familiar. Um dia resolveu dar uma volta pelas ruas de Porto Nacional. Não se preocupava se o sapato, sandália ou chinelo estavam em ordem para a sua caminhada. Descuidava, como sempre, se a roupa estava passada a ferro ou não, sabia que estava vestido e calçado. Andava a passos lentos, deixando para trás a poeira das ruas não asfaltadas. No seu trajeto, ouvia uma pessoa, outra pessoa e mais pessoas que faziam as suas narrativas pessoais, pois ele queria conhecer os meandros de uma sociedade à qual ele pertencia. Analisando o que ouvia, encontrou contrastes no meio em que vivia. Algumas personagens se alimentavam bem e bebiam vinhos importados de Portugal, eram os ricos; os pobres comiam arroz, feijão, pequi, era a fome em potencial. Os ricos tinham moradias suntuosas mobiliadas com móveis importados da Áustria, via Belém do Pará; o pobre descansava em choupanas de sapé, parede de pau a pique ou passava a noite em casa de enchimento. Os ricos tinham tratamento

Athos entendeu que essa anomalia não era um privilégio de Porto Nacional, ela ultrapassava de seus limites e alcançava o Brasil por inteiro. Desta conclusão ele partiu para a luta contra a desigualdade social, contra o racismo, contra a cruel ditadura, regime de exceção que ceifava vidas inocentes, deixando para trás órfãos, viúvas e desaparecidos. Athos com a sua coragem, clamava às autoridades, pela melhoria da educação e saúde para o povo brasileiro, banalizadas pelo regime ditatorial. A sua luta lhe custou sofrimento, dor, prisão, exílio, privado de viver em seu País e distante de familiares. Mesmo diante de incontáveis dificuldades, não se abatia, ia à luta por um Brasil democrático e brasileiro feliz. Infelizmente o meu herói, não terminou a sua luta no dia 13/8/24 após muito sofrimento deixou a vida deste mundo, deixando saudade perpetuando a sua pessoa na memória de familiares e amigos. Deixou ainda como legado a herança

vidade, a coerência de suas ideias, acreditando que a democracia é o regime político-administrativo próprio de povos e Países civilizados.

Athos esboçou a sua própria história com o caneta da coragem e terna da sabedoria. Athos meu herói a quem respeito / Hosterno



médico de verdade, com uso de medicamentos manipulados com matéria prima vinda da França ou Alemanha; o pobre, para cuidar sua doença, bebia chá de erva-cidreira para baixar a febre e aplicava sinapismos de mostarda para sarar pneumonia. Pelo que ouviu pelas ruas, concluiu que havia uma profunda desigualdade social e que era preciso combatê-la para que todos os segmentos da sociedade tivessem tratamentos iguais, afinal o ser humano é um só, não importa a cor e outros penduricalhos, pois o direito à cidadania é universal. Athos entendeu que essa anomalia não era um privilégio de Porto Nacional, ela ultrapassava seus limites e alcançava o Brasil por inteiro. Dessa conclusão ele partiu para a luta contra a desigualdade social, contra o racismo, contra a cruel ditadura, regime de exceção que ceifava vidas inocentes, deixando para trás órfãos, viúvas e desaparecidos. Athos, com a sua coragem, clamava às autoridades pela melhoria da educação e saúde para o povo brasileiro, banalizadas pelo regime ditatorial. A sua luta lhe custou sofrimentos, dor, prisão, exílio, privado de viver em seu país e distante dos familiares. Mesmo diante de incontáveis dificuldades, não se abatia, ia à luta por um Brasil democrático e o brasileiro feliz. Infelizmente meu herói [acabou

por] terminar sua luta no dia 13/08/24 após muito sofrimento, deixando saudades e perpetuando a sua pessoa na memória de familiares e amigos. Deixou ainda como legado para a posteridade a coerência de suas ideias, acreditando que a democracia é o regime político-administrativo próprio de povos e países civilizados.

Hosterno Pereira, irmão primogênito de Athos Pereira, casado com Rosilene, pai de Hosterno Júnior, Marcos e Sabino. Avô de Augusto, João Marcos, Lucas, Pedro, Gabriel e Laura



FAMÍLIA

Fez minha mãe, Thais, muito feliz!
Deixou um pouco de si no coração de cada pessoa que o amava.

Camila Pires Baiocchi Calaça,
casada com Duílio, mãe do Lucca e da Luiza

Me ensinou a gostar de música clássica, carne de carneiro e Joelho de Porco. Meu companheiro de programações gastronômicas e apostas mirabolantes pelas lotéricas da vida. Meu segundo pai que a vida me deu!

Júlia Pires Baiocchi
casada com Diego, mãe do Ian

Que luta difícil a do Athos, porém não se pode dizer ingloria. Afinal, os valores da vida dele realçam diante de sua perda.

Salvino Pires Sobrinho

“Como é mesmo que diz o seu amigo Zeca Pagodinho?” me perguntava o Athos, quase todos os dias, antes de ‘iniciar os trabalhos’. Eu respondia cantarolando “Amigo eu nunca fiz bebendo leite, amigo eu não criei bebendo chá...”, essa canção que o Athos adorava. Assim, ao som do samba, entre uma dose do seu whisky e um gole da minha cerveja, nos tornamos grandes amigos. Passamos alguns bons anos juntos na Chácara Cajuína, em Formosa, onde morei com minha mãe Thais e com o Athos, o pai que a vida me deu nos últimos anos de sua jornada.

Augusto Pires Baiocchi

O Athos era meio calado, na dele, mas ele tinha seu jeito todo especial de ser carinhoso. Um dia, eu liguei para falar com minha irmã – era no tempo em que havia telefone fixo nas casas – e o Athos atendeu. Eu perguntei pela Thais e ele respondeu: – Sim, ela está aqui, linda como sempre! Uma vez, fui visitá-los na chácara em Formosa. No dia de ir embora, ele me deu de presente um livro de sua própria biblioteca, *L'Étranger*, de Albert Camus. Ele me explicou que escolhera aquele livro porque ele tinha sido publicado no mesmo ano em que eu nasci, 1957. Ele sabia ser especialmente gentil. A impressão que eu tenho é que o Athos estava sempre ligado em tudo à sua volta, mesmo quando estava concentrado em suas leituras. Ele sabia conhecer as pessoas.

Dayse Pires

Conheci o Athos na Câmara. Eu atrás de notícia e ele fazendo notícia e história. Eu atrás do imediato para encher as páginas do jornal, ele profundo, formulando e provocando mudanças no país. Um dia, a relação mudou. Athos era o companheiro da minha irmã, Thais, e o meu cunhado querido. A convivência revelou uma pessoa sensível, amável, doce, gentil, e com um humor inteligente, refinado e sagaz, sempre provocando risadas. Todo esse legado ele deixou conosco. Obrigada, cunhado.

Denise Madueño

Fez uma estrela surgir ...Torcia por uma estrela...
E virou uma grande estrela...

Me recebeu de coração aberto em sua casa e, pleno de atenção e de sorrisos, se tornou o meu querido sogro. Muito obrigado, meu sogro, pelo carinho com seu neto Ian e pelos dias conversando sobre futebol.

Diego Rocha Belchior

Eu tinha 24 e ele 58. Eu não tinha qualquer experiência coletiva. Ele já tinha, em defesa da democracia e do bem coletivo, militado, sido preso, exilado. E seguia militando. Tínhamos tão pouco em comum. Mas ele me acolheu. Não julgou. Descobriu uma ávida leitora e me orientou. Me ligava para perguntar se eu já tinha lido o novo livro do Vargas Llosa e também para dizer que o que ele narrava nos seus últimos livros era “mentira daquele fascista” porque, segundo Athos, o Peru jamais foi tão moderno nos comportamentos quanto o autor fazia parecer. Era para ele que eu ligava quando queria aprender pelos livros. Me indicou *Discursos contra Hitler: Ouvintes Alemães*, de Thomas Mann, quando pedi para que me ensinasse a escrever discursos. Ele era assim, generoso como os grandes homens são. Acumulou na vida amor e conhecimento e distribuía a quem se aproximasse. Que eu seja digna do que aprendi.

Juliana Oliveira

Minhas primeiras memórias do tio Athos são vagas lembranças de um menino de pouco mais de cinco anos: ele era um jovem um tanto brincalhão e seguro de si. Muitos anos depois, o exílio dele e de sua irmã Dagmar, primeiro no Chile, depois no México e, por fim, na Bélgica, o afastou de nós. Só nos reencontramos quando voltou ao Brasil. Ali, vi que toda a privação pela qual passou não fez dele um sujeito amargurado. Ao contrário, sempre manteve o bom humor que o acompanhou até o fim. Ao mesmo tempo, pude perceber que a enorme bagagem cultural e a inteligência provocativa escondiam um caráter profundamente humanista, que usou para lutar pelas grandes causas. Era reconhecido como uma mente brilhante, mas nem por isso deixava de tratar a todos como iguais, fosse o presidente da República ou qualquer pessoa que estivesse disposta a ouvir suas tiradas saborosas, às vezes difíceis de compreender. Meu tio Athos nos legou uma existência forjada na atuação política diária, aberta a todas as correntes de pensamento, sempre com os ouvidos generosamente abertos, sempre disposto a pôr em prática a tolerância digna dos democratas. Este era o seu espírito.

Marcelo Pereira

Sou grata a Deus por ter me colocado na família do tio Athos. Quando meu pai Gerson faleceu eu tinha quatro anos e tudo poderia levar a um distanciamento do meu tio, que morou conosco, mas isso não aconteceu. Mesmo a gente vivendo no interior de São Paulo, tio Athos sempre fez questão de estar presente. Agradeço por termos construído lembranças tão felizes. Hoje, minha mãe Odette também não está entre nós, mas me faltam palavras para expressar o carinho que ela tinha pelo cunhado que, com ela, construiu uma história baseada em ajuda, cumplicidade, respeito e bondade. Obrigada por tudo que fez pela nossa família.

Simone Pereira da Silva Ferri

Conheci Athos e Thais em 2013. Desde então, estive ao lado deles em reuniões familiares, junto com meu filho Diego e minha nora Júlia. Athos sempre conversando, rindo e tomando o seu whisky. Agradeço imensamente esse nosso tempo de convivência, que será lembrado por sua sensibilidade para lidar com a adversidade e os conflitos humanos.

Valéria Rocha



FAMÍLIA CAJUÍNA

Vovô Athos, sempre amei muito você, sempre ficava feliz vendo você olhando para o [seu gato] Léon e adulando o Fogão e os outros cachorros aí na roça. Eu rezei muito pra você ficar bem.

Nilo Vaz Dias

Vovô Athos, nem te conto: você deixou uma saudade danada!

Paloma Vaz Dias

Não lembro o ano, mas o gesto de carinho é uma das melhores lições que guardo no peito. Minha mãe, Zezé, Joe, Thais e Athos, a quem sempre chamei de Coroa, nos convidaram, a Paloma, o Nilo, o Rodrigo e eu, para passar um final de semana com eles num hotel fazenda em Alexânia. Passeio inusitado, já que meus pais moravam numa fazenda e a Thais com o Coroa “viviam” lá todos os fins de semana. Na manhã do domingo, eles nos

chamaram para dar uma notícia: os quatro decidiram viver e envelhecer juntos! A parte do viver já era fato consumado, um tanto óbvio, mas aquele foi um dos momentos mais felizes que vi nos olhos de minha mãe. Na prática, o que foi acontecendo naturalmente, ganhava formalidade. Thais e Athos compraram parte da fazenda e ali construíram seu lar, como combinaram, ao lado dos companheiros. Uma singela piscina brotou e serviu de muro invisível para a camaradagem de uma vida entre parceiros de crença, ideologia e existência! Exemplo de amizade que desconheço melhor e igual. Lição de vida! O Coroa passou este último ano lutando e resistindo, como era de seu costume, até descansar, na manhã de um dia 13, o número do seu PT, que ele amou sem medo de ser feliz!

Clarissa Vaz Dias

Athos foi para mim um porto-seguro, uma presença amiga e solidária. Eu o admirava pelo domínio fascinante que ele tinha sobre as palavras. Me sinto honrado por ter conhecido a carta poética que ele escreveu para Thais e que ela mantém emoldurada na parede do quarto deles. É uma das cartas mais belas e bem-escritas que eu já li. Penso que quem via o Athos ali na varanda da casa dele, tomando um whisky em silêncio com aquele sorriso sutil no rosto, jamais conseguiria imaginar o tamanho do talento que ele tinha. Pois o Athos foi um dos seres mais desprovidos de ego que já conheci. Nunca se vangloriava do seu conhecimento, mesmo sendo extremamente culto. Nunca se exibia com respeito às suas realizações, mesmo sendo elas muitíssimas. Sua alma era, e acredito que continua sendo, a de uma pessoa humilde e terna, desprovida de vaidade. Sou muito grato ao Athos e à Thais por terem escolhido serem nossos vizinhos em Goiás. Contar com os dois sempre por perto, seja trocando uma prosa, tomando um café ou se ajudando mutuamente, foi um dos mais belos presentes que meus pais, Zezé e Joe, puderam ter na vida.

Eduardo Pereira Weiss

Conviver com Athos e com Thais aqui nessas terras do Bem-Querer, que na parte deles tem por nome Cajuína, foi sempre uma alegria e um grande aprendizado. Gratidão!

Janaina Faustino

Nossa amizade começou cautelosa, porque o amigo, de início, era da Zezé. Depois, com o tempo, fomos nos aproximando, fomos compartilhando tanta coisa junto que, pra mim, o Athos virou mais do que um amigo, virou um irmão meu. Agora que o Athos se foi, ficou um vazio imenso. Mas também ficou muita lembrança boa dos tempos felizes que vivemos juntos aqui nesse sossego de roça. E ficou

a convivência com a Thais, essa companheira-irmã tão forte e tão guerreira, com quem temos o privilégio de compartilhar as boas energias que o Athos deixou em nossas vidas.

Joseph Weiss

No começo dos mais de nove anos de convivência, seu Athos às vezes dizia: "Está faltando glamour nessa casa!" Daí eu tentava caprichar no que me tocava: enfeitava as saladas, as carnes, em especial o carneiro, servido com grão-de-bico, que ele me ensinou a fazer; além de sempre colocar um vasinho de flores sobre a mesa. Muitas vezes ele me pedia para ajudar no domingo porque tinha combinado de receber pessoas para o almoço. Daí, quando ele me via, me cumprimentava e acrescentava: "Léia, hoje é dia do Senhor e você está trabalhando. Sabe que você não vai pro céu, né?" De vez em quando, ele me ligava em fins de semana ou à noite e perguntava: "Léia, eu perdi contato com o chinelo que mais gosto. Você por acaso sabe onde ele está?" Nos últimos tempos, o assunto era outro: "Léia, estou ficando preocupado, olha esses armários, tem muito mais remédios do que bebida!" Seu Athos era assim, tinha sempre uma tirada para comentar sobre o dia a dia. Mas o que eu mais gostava mesmo era como ele me recebia toda manhã: "Seja bem-vinda, Léia!" E fazia questão que eu me despedisse dele ao ir embora. Agradeço, todos os dias, por ter encontrado o seu Athos em minha vida. Sempre generoso e gentil, o bom humor dele ainda contagia a casa, mas, confesso, ele está fazendo muita falta por aqui.

Jaciléia Lima

Conheci o Athos no início dos anos 1980, quando, certa noite, Zezé bateu em nossa porta pedindo pouso para dois Athos de uma só vez: Athos Magno e Athos Pereira. Era tempo de fundação do PT em Goiás. Ele se destacava pela estatura, que logo descobri ter sentido lato. Athos não era só um homem alto, era um gigante no humanismo, na ação política transformadora, na liderança, na perspicácia, no humor inteligente, no conhecimento, no viver por uma causa inequívoca: fazer do Brasil um país melhor e mais justo. Era um ser humano de estatura imensurável. Desde aquele dia, Athos sempre esteve presente em minha vida; primeiro, pelo laço de irmandade construído com minha irmã Zezé e, depois, pela amizade e pela militância que me serviu, serve e servirá sempre como exemplo e inspiração. Valeu, companheiro!

Lúcia Resende

UM PACTO COM A PERMANÊNCIA

A cada luta nossa na defesa de um mundo melhor, mais justo e mais solidário, o companheiro Athos Pereira estará sempre presente. O Sindicato dos Bancários de Brasília se soma na saudade, no respeito e nas homenagens ao imprescindível camarada Athos Pereira da Silva.

Eduardo Araújo -

Presidente, Bancários Brasília

Athos permanece entre nós. Ele segue presente nos sonhos políticos que se tornaram realidade a partir do ideário de esquerda do Partido que ajudou a criar.

Heli Dourado

A sra. Erika Kokay (Bloco/PT-DF, como Líder.) – Eu começo a minha fala prestando minha profunda solidariedade a todos os familiares de Athos Pereira, [que] nos deixou, mas estará sempre em todas as pessoas que lutam pela democracia, pela liberdade, pelos direitos. Athos, que durante tantos anos ajudou a construir a Liderança do Partido das Trabalhadoras e dos Trabalhadores nesta Casa, nos deixou profundos ensinamentos, foi mestre de cada uma e de cada um de nós. Aqueles e aquelas que têm a noção exata de que nós temos que ter uma sociedade em que todas as pessoas possam viver plenamente a humanidade, sabem da importância de Athos Pereira. Diz o poeta que há pessoas que não morrem, apenas ficam encantadas. Athos Pereira ficou encantado. E diz também o poeta que saudade não é sinônimo de ausência, que ela é presença. Há pessoas que têm um certo pacto com a permanência, porque ficam naqueles e naquelas que aprenderam com seus ensinamentos, com seus exemplos. Portanto, Athos Pereira estará sempre presente, sempre presente. Hoje nós estamos mais tristes, sem nenhuma dúvida, mas também estamos extremamente gratos e gratas por termos tido a oportunidade, nesta vida, que, diz o poeta, às vezes embrulha tudo, de conviver com Athos Pereira. Nossa profunda solidariedade à família,



[com a] nossa convicção de que ele está presente, hoje e sempre. Vamos ver Athos Pereira em toda essa construção que este Brasil está fazendo na busca da eliminação das desigualdades. Quando nós assistimos ao resultado do estudo da ONU que aponta que o Brasil reduziu por volta de 85% a insegurança alimentar severa, encontramos os ensinamentos de Athos Pereira e encontramos Athos Pereira. Quando olhamos para o que foram essas Olimpíadas, vemos que 100% das medalhas conquistadas pelo Brasil tiveram participação do Bolsa Atleta, criado por Luiz Inácio Lula da Silva alguns anos atrás. Lula criou o Bolsa Atleta que, segundo Rebeca [Andrade], a recordista em medalhas para o Brasil, é fundamental para que as pessoas possam desenvolver a sua potencialidade no esporte. É coisa do PT. É coisa de Lula. São marcas que nos deixa Athos Pereira. (...) Nós estamos vivenciando agora

a devolução do Brasil para o povo brasileiro. Por isso, em cada ato de valorização de cada brasileiro e de cada brasileira, na diminuição da fome, na diminuição do desemprego, sabemos que ali está Athos Pereira. (...) que nos ensinou a coerência e o compromisso e nos mostrou como trançar com muita afetividade as trincheiras da própria

Erika Kokay -

Discurso proferido na Câmara dos Deputados, na noite do dia 13/ 08/ 2024, em homenagem a Athos Pereira da Silva





UM DEMOCRATA CONVICTO

O companheiro Athon Pereira foi e sempre será uma referência de luta pela justiça social e exemplo de compromisso com o povo brasileiro e com o Partido dos Trabalhadores.

Alexandre Padilha

Um excepcional militante, um fantástico professor de ação política, que em muito contribuiu para orientar a minha própria militância. Talvez não por acaso, nasceu em um 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, e nos deixou em um dia 13, o número do PT. Gratidão por tudo, Athon Pereira, meu professor de vida e de luta!

Iêda Leal

Athon Pereira, cidadão goiano da melhor estirpe e destacado vice-presidente do Partido dos Trabalhadores em Formosa-GO, foi um democrata convicto, fundador e organizador do Partido dos Trabalhadores em nível nacional. Sua partida provocou uma imensa perda para a política e para aqueles e aquelas que acreditam na justiça social e nos direitos da classe trabalhadora. Sua trajetória como ex-membro do Diretório Nacional do Partido

dos Trabalhadores e sua luta incansável por um país mais justo e igualitário marcou significativamente o nosso PT e a sociedade como um todo. A dedicação de Athon Pereira aos ideais do Partido dos Trabalhadores e seu trabalho em prol do desenvolvimento social e econômico foram amplamente admirados. Sentimos sua falta e, em reconhecimento ao seu legado e contribuição para a política, por nossa iniciativa, na sessão do dia 13 de agosto, data de sua morte, o plenário da Assembleia Legislativa de Goiás fez um minuto de silêncio, em respeito a uma das vozes mais influentes na defesa da justiça social e da liberdade em Goiás, e ofereceu as suas condolências à família. Athon Pereira, Presente!

Bia de Lima

Depoimento com base em excerto de moção da deputada do PT, lida no plenário da Assembleia Legislativa de Goiás (Alego), em 13 de agosto de 2024, dia do encantamento de Athon Pereira

**VAMOS LÁ:
É HORA DE MUDAR**



13.211
Antenor
13.211
José Deputado Estadual

FACHO DE LUZ

Antenor Pinheiro

Não me lembro ao certo, talvez Campinas ou Vila Coimbra, numa casa modesta que tivera seus domínios arrombados, dali subtraídos alguns poucos bens, que conheci Athon Pereira, recém anistiado de 1979. Eu estava ali exercendo meu ofício de perito criminal, concursado e cursado em início de carreira, na tentativa de coletar os vestígios da cena do crime e assim circunstanciar a materialidade do fato para a instrução do processo; ele, um homem de fala calma, sentado a fumar o cigarro pacientemente, observava meu trabalho, como a vaticinar em silêncio: "isso não vai dar em nada!".

Jeito esquisito de conhecer aquele homem que influenciou boa parte de minha incipiente formação política, cujos textos que fizeram minha cabeça somaram-se aos de outro Athon (o Magno), Moura (Antônio Carlos), Salles (Antônio Pinheiro),

Weffort e Sperb Leite (estes das colunas do Top News), "Pedro Tierra" (seu terno poeta irmão), Alencar (Oswaldo), Pedro Wilson, Caneca, Niso Prego, Mindé, Mineiro (Luis Fernando), Gusmão (Antônio Carlos), Safatle e demais que davam forma e substância ao Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil e Goiás.

Memorável época de construção de utopias, tempo de arregimentar filiados nas cidades da estrada de ferro nos fins de semana, junto de Fafau, Marquinhos, Gaúcho, Alan Kardec... (o povo do jornal "Crimelão"); tempo de "Liberdade Flavia Shilling"; de "Programa Mesa de Bar" - tempo que cursava Jornalismo na UFG, profissão de Athon Pereira e alguns outros próceres da esquerda da boa escrita, como sua companheira Thaís, a amada xará Nonô (Laurenice) e Wilmar Alves - ô saudade danada desse povo e desse tempo, sô!

Mas foi da inesquecível conversa militante, rodeada da boa cachaça de um pós-encontro-municipal-do-PT (1986), onde as teses das tendências internas ainda reverberavam, que Athon Pereira subverteu meu caminho de jovem militante sossegado. Ideia lançada na minha estrada, incensada por Delúbio, Sandra e Arruda (Leônidas), convenceu-me da candidatura a deputado estadual do PT, sendo ele um de nossos possíveis senadores da República. Pensa!!!

Se da perícia realizada recuperados não foram seus bens, da amizade conquistada aprendi que um mundo melhor é possível. É facho de luz na vida da gente que chama. Obrigado, Athon Pereira!



Antenor Pinheiro - Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



O QUE NOS UNIA

Athos Pereira me apresentou régua e compasso nas artimanhas do impossível, que é o exercício da política. Que Olorun o receba de braços abertos no Orum. Àsé óoo!

Raimunda Montelo

Athos Pereira, amigo irmão do voo e do mergulho. No voo, sonhou e inspirou sonhos. Sonhos somente permitidos às almas elevadas e generosas. No mergulho, escrevia, dialogava e ensinava os caminhos das transformações sociais, do processo civilizatório.

Emerson Menin

Athos Pereira foi um amigo extraordinário. Dono de um bom humor, culto, inteligente, adorava criar discussões interessantes. Foi a primeira pessoa que conheci que chamava a casa de "aparelho". Gostava de cozinhar, a feijoada dele era a melhor, e o segredo, bastante alho. Mas o que mais me agradava no Athos, além das boas conversas, era o amor por uma das minhas melhores amigas, a Thais. Os dois eram exemplo de um amor verdadeiro.

Flávia Regina de Moraes

Morreu meu grande amigo Athos Pereira. Amigo de exílio, amigo na volta, amigo no PT, amigo na Câmara, onde foi assessor na Liderança do partido. Amigo de cachaça, de papo, de literatura, admirador, como eu, do Suassuna. Irmão da Dag, do Hamilton e do padre, que nos deixou antes. Irmão dos irmãos, amigo dos amigos. Marido da Thais, que dele cuidou, na trajetória final, depois de longo tempo juntos. Athos conversava bem e escrevia melhor ainda. Tinha perspicácia política e gostava muito de viver. Uma lástima!

Vladimir Palmeira

O que nos unia? Os sonhos e as lutas da geração de 68, a luta contra a Ditadura, a militância na ALN, o exílio, a volta e a construção do PT. A luta pelo socialismo, pela justiça social e pela democracia. A militância das antigas, sempre na luta e no combate, sempre buscando saídas para os impasses da luta política e de classes. Athos nunca deixou de militar no PT, participando de suas lutas e de sua direção nacional. Amigo e companheiro, sempre conviveu conosco na alegria e nos momentos duros. Sua presença amiga e solidariedade para comigo foram uma constante. Rendo aqui minha homenagem e expresso minha saudade do amigo e companheiro Athos Pereira.

Zé Dirceu



PRESIDENTE LULA

Jornalista, militante e um dos fundadores do PT, Athos Pereira participou da construção da democracia do Brasil e deixa um legado de trabalho incansável por um país melhor e mais justo. Fundador do partido em Goiás, atuou durante anos na liderança na Câmara dos Deputados e se consolidou como intelectual respeitado no campo progressista brasileiro. Meus sentimentos aos familiares, amigos e companheiros de luta de Athos. **Luiz Inácio Lula da Silva** – Presidente da República

PARTIDO DOS TRABALHADORES

O Partido dos Trabalhadores recebeu com profunda consternação a notícia do falecimento de Athos Pereira da Silva. (...) O PT Nacional manifesta sua solidariedade aos familiares, aos amigos e aos colegas de trabalho de Athos. **Gleisi Hoffmann** – Presidenta Nacional do PT. **Henrique Fontana** – Secretário-geral do PT

PT GOIÁS

É com profunda tristeza que recebemos a notícia do falecimento do companheiro Athos Pereira, vice-presidente do PT de Formosa. (...) Athos dedicou sua vida à luta contra a ditadura militar e as injustiças sociais, contribuindo de maneira inestimável para a construção de um Brasil mais humano e democrático. **Kátia Maria** – Presidenta do PT Goiás

PT TOCANTINS

Uma das vozes de mais influência na defesa da democracia, na luta por justiça social (...) Sua voz fez, faz e fará a diferença na defesa de um país justo e inclusivo. **Zé Roberto Lula** – Presidente do PT-TO

PT FORMOSA

O Partido dos Trabalhadores de Formosa, Goiás, lamenta profundamente o falecimento de seu vice-presidente, o querido companheiro Athos Pereira da Silva. (...) Ficamos com a certeza de que o camarada Athos, inspiração para todos e todas nós, militantes do PT, nos deixou, como exemplo, a importância de travar sempre o bom combate. **Altamir Gualberto Salgado** – Presidente do PT Formosa

PV FORMOSA

Athos Pereira será eternamente lembrado pelo seu intelecto apurado e por sua luta incansável pela liberdade.

CUT GOIÁS

Athos é um militante histórico da esquerda brasileira e sempre esteve na lida diária pelos direitos da classe trabalhadora. A direção da Central presta toda a sua solidariedade aos familiares e amigos deste grande companheiro de luta. Athos, Presente!

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Treze de agosto, um número muito carregado de história e luta. Nesta triste terça-feira 13, perdemos Athos Pereira. (...) O companheiro Athos nos deixa com a responsabilidade de respeitar seu legado e história de lutas. (...) Que neste momento de luto e saudade sua família e amigos tenham a certeza da importância e grandeza deste homem chamado Athos Pereira.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA

O MDHC lamenta profundamente a partida de Athos Pereira, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT).

Gratidão

Do Athos guardo as boas lembranças de um amigo-irmão, do meu txai, com quem convivi por mais de quatro décadas de nossas existências. Dele em mim fica a deliciosa memória do sorriso largo, da lágrima fácil, do humor ácido, da vasta cultura, da integridade ética, da prosa inteligente, da consciência crítica, da presença solidária, da boniteza da gentileza, da jornada de luta e resistência, sempre.

Gratidão sem tanto ao Athos pelo carinho com minha família, que acabou sendo também bastante sua, por escolher envelhecer junto conosco aqui na roça, pela confiança de entrar em minha casa a qualquer hora sem pedir licença. Como era bom ver ele saindo, silencioso e sereno, fosse com uma garrafa de whisky ou uma prosaica raiz de batata doce.

Gratidão pela caminhada e pela militância parceira no PT, pelas milhares de estrelinhas distribuídas Goiás afora, pelas longas horas de prosa na varanda, pelo café das 10 todos os dias, mas, sobretudo, por trazer a Thais para a vida dele e para a nossa convivência (que presente!) e por seu inabalável exemplo de fé na vida, até o fim.

Zezé Weiss



**REVISTA XAPURI
10 ANOS**

*Sequir sonhando,
Sequir lutando!*

www.xapuri.info





UM CIDADÃO UNIVERSAL

Resumo em uma frase o que tenho a dizer sobre este meu grande amigo: Athos Pereira, pra mim, era a reserva moral da política brasileira.

Dumar Prado

Athos estará sempre presente na nossa luta pela democracia e no nosso compromisso com a organização dos trabalhadores e das trabalhadoras. Sua história será semente na luta que continuamos por uma sociedade justa e fraterna.

Rubens Otoni

Para compreender a dimensão humana e intelectual de Athos Pereira é preciso perceber a importância e a trajetória de sua família composta por oito irmãos, criados em Porto Nacional.

Ainda muito jovens, foram perseguidos pela ditadura implantada em 1964. A coragem e a dignidade com que esses irmãos enfrentaram a prisão, o exílio e a tortura provam que suas convicções em defesa do ser humano eram extremamente profundas.

A luta pela redemocratização do país, pela construção de uma sociedade justa e pela busca de caminhos para uma vida plena para todos os brasileiros norteou praticamente toda a família.

Athos começou sua militância política com cerca de 20 anos de idade, tendo militado clandestinamente na ALN. Em pouco tempo foi preso, e decidiu ir para o exílio no Chile. O mesmo caminho seguiu sua irmã Dagmar. E o sangrento golpe de Pinochet os alcançou em território chileno. De lá foram, Athos e Dagmar, para o México e depois para a Bélgica. Com a anistia, retornaram para o Brasil em 1979.

Athos, desde os bancos escolares em Porto Nacional, foi um aluno que se destacava. E assim, foi por toda sua vida. Tendo passado em dois vestibulares para cursos diferentes, não concluiu sua formação superior. Mas ele foi muito além: tornou-se um portentoso intelectual, capaz de elaborar e aprofundar temas dos mais complexos.

Por onde passou, fez amigos e colecionou admiradores. Era capaz de remar contra a corrente, argumentar e convencer. Tinha uma escrita limpa e direta, que às vezes ele resumia com marcantes frases-síntese.

Um exemplo disso foi uma tese que escrevemos, Athos e Toffoli (atual Ministro do STF) na condição de assessores qualificados da nossa bancada do PT e eu já deputado federal. Fazíamos uma análise da situação do Brasil e disputávamos rumos do PT.

E foram dele, as duas frases que marcaram aquela Tese: “a direção do PT tem o dever da imparcialidade” – sem animosidade, era uma crítica e uma cobrança pública. E quando analisamos a trajetória do PT, escrevemos sobre as mudanças no Brasil e no mundo e sobre o PT. E ele sintetizou: “o PT muda de posição, mas não muda de lado”, o que foi a compreensão de não nos aferrarmos em posições imutáveis, mas sem abandonar nossas mais profundas convicções.

Por décadas, foi coordenador da assessoria da bancada do PT na Câmara dos Deputados. Athos era ao mesmo tempo o maestro de uma excelente equipe e o apoio solidário para o que fosse necessário. E, para os deputados, era uma fonte confiável e permanente. Não havia nenhuma trava para se exercitar divergência.

Sua impressionante memória, a capacidade de selecionar o mais importante, suas anotações ao longo do tempo, o transformaram num observador atento e num exímio pensador. Sua vasta cultura, adquirida pela leitura diversificada dos clássicos da filosofia, da literatura, da política, pelo interesse pela música etc., não o afastou da análise do cotidiano, das pessoas, da vida real. E nessa combinação, muitas vezes se divertia falando de sua terra e de seus personagens, de que Athos se nutria com a melhor seiva.

E tudo isso com a maior modéstia, não precisava de títulos de nenhuma natureza, quem o conhecia em pouco tempo iria perceber seu imenso valor!

Athos, na sua fase derradeira, resistiu o quanto pôde, sabia da grave situação. Mostrou sua vontade e orientou que deveria retornar a sua “aldeia”. E assim foi feito, de acordo com a sua vontade: com a presença da família, dos inúmeros amigos (antigos e recentes), sua morada eterna será no Rio Tocantins, que passa vizinho de sua casa, em Porto Nacional.

Arlindo Chinaglia

UM GRANDE ESTRATEGISTA

Athos vaticinou o meu futuro na política: “Fernando, você nunca vai dar certo na política. Não pode ver uma caixa de cerveja que pega dum lado”. Acertou! Grande Athos!

Fernando Pereira

O danado era tão danado que até bem perto da morte não perdeu a vivacidade. No leito da UTI, quando ainda conseguia falar, disse ao meu ouvido: “Isso é a vingança do imperialismo”, sobre a doença contra a qual ele lutou bravamente. Essa foi a última lição que recebi do meu querido amigo: força e coragem para lutar e resistir até o fim. E lutar com a galhardia da bravura do Che, *sin perder la ternura jamás!* Athos foi a síntese entre a doçura e a força. Empunhou cotidianamente a bandeira da leveza de alma, mas trazia a do Partido dos Trabalhadores sempre hasteada no seu coração.

Dorian Vaz

Sortudos foram aqueles que puderam caminhar ao lado de Athos Pereira. O tempo que tive com ele foi de pura admiração – por suas análises profundas, seus posicionamentos firmes e, também, pelos momentos de leveza e descontração. Athos me desafiava a cada conversa, estar ao seu lado me exigia atualizações constantes para acompanhar a profundidade de seus pensamentos, sempre expressos de forma clara e inspirada. Athos Pereira é a personificação da responsabilidade e da humanidade. Ele se importava com todo mundo ao seu redor, fazendo de cada pessoa sua prioridade. Em cada gesto e palavra, Athos foi a expressão de acreditar no potencial até mesmo de quem havia perdido a fé.

Eduardo Felipe Gomes de Sousa

Foi sem dúvida o maior estrategista político que conheci. Athos sabia como conciliar diferenças, defender posições, apaixonadamente, mas com respeito à política e ao exercício do diálogo. Sua inteligência e erudição seduziam seus interlocutores, seja no plenário da Câmara, no calor da disputa partidária, ou na mesa do bar, que ninguém é de ferro. Acreditava na capacidade do fazer coletivo. Acompanhou e participou do crescimento da bancada do PT assessorando os líderes, Lula inclusive. Muito me ensinou com seu jeito irônico, ao analisar o momento político e ao defender os ideais da esquerda, de mais paz e Justiça entre os homens.

Junia Lara

“Você já leu...?” talvez seja a frase mais comum dos nossos diálogos. Athos Pereira foi um dos grandes quadros políticos que o PT e a esquerda brasileira produziram, e eu acabei tendo a sorte de conversar com alguém que era um leitor voraz e que adorava conversar sobre literatura. Em meio às sugestões e comentários que ele fazia, sempre carregados com o conhecimento e a ironia que eram tão marcantes em sua personalidade, se percebia a alma de uma pessoa que era profundamente humanista, um conceito fora de moda e talvez até em extinção para se referir a alguém. Seu legado é indelével em qualquer ser que tenha desfrutado de uma boa prosa com ele.

Rogério Tomaz Jr.







OS PEREIRA NO EXÍLIO: ENTREVISTA COM DAGMAR PEREIRA

Esta é uma conversa entre uma mãe e uma filha, não exatamente uma entrevista, é um encontro entre o que existe de memória e o que existe de afeto sobre uma história vivida por dois personagens: Athos Pereira, meu tio, e Dagmar Pereira, minha mãe. Ambos viveram um capítulo único da vida dos Pereira, o exílio político, juntos, e são estas lembranças que busco agora no diálogo com minha mãe para reencontrar o meu tio, que nos deixou neste último agosto. Escrevo para gravar o que só os dois levavam no peito e agora só ela pode contar. Para homenageá-los, assino pela primeira vez com o meu sobrenome materno.

Luisa Pereira Dias.

Nota da Redação: Matéria editada por limitações de espaço. Ver entrevista na íntegra em www.xapuri.info.

L – Mãe, qual é a lembrança mais remota que você tem do tio Athos?

D – O Athos era muito levado, desafiador o tempo inteiro, briguento mesmo. Uma vez ele deu umas respostas lá para minha mãe, eu não me lembro bem o porquê, e saiu de casa. E eu fui incumbida de encontrá-lo, o encontrei entre a igreja e o seminário, e ele me deu uma bela de uma mordida, porque eu tentei trazer ele para casa. Esse era ele, combatente e resistente.

L – E depois, quando meu tio cresce, como é que fica essa relação de vocês?

D – Sempre muito ligados, o Athos era muito fechadão, porque ele vivia lendo. Ele saía na rua com o livro debaixo do braço. Em Porto, de frente da igreja, tinha quatro pés de manga e tinha um banquinho. Ele se sentava lá pra ficar lendo. Eu não sei onde ele achava [tanto livro], dentro de casa não era. E ele passava pra frente, falava pra gente ler.

L – E os meus avós falavam alguma coisa sobre estudar? Como é que era essa conversa sobre escola dentro de casa?

D – O tempo todo era falando, “você têm que ir pra escola, porque vocês têm que aprender, porque aprender é a única coisa que temos pra oferecer”. Meu pai repetia muito que a gente tinha que ser sábio. Meu pai estudou três meses na vida, mas ele lia alguma coisa e sabia fazer conta. Minha mãe fazia conta menos do que ele, mas sabia ler mais do que ele.

L – Como é que começa o envolvimento do tio Athos, seu e do tio Hamilton na política?

D – O Athos foi para Catanduva (SP) fazer o segundo grau, na casa do meu irmão Gerson, que se ofereceu para ficar com ele. Fez tiro de guerra lá e no último ano foi pra Goiânia, fez vestibular na UFG, foi aprovado de primeira em Jornalismo, mas estudou só um ano. Acabou tendo contato com o movimento estudantil, já

estávamos na ditadura, e logo ele entrou na clandestinidade.

L – Quais eram as notícias que vocês recebiam?

D – Eu estava em Cristalândia, onde era professora. Começamos a receber as notícias com preocupação. Mas, mesmo assim, meu pai nunca recuou, na ajuda, na torcida. Era discriminado na cidade, as pessoas mudavam de calçada quando o viam, mas ele falava que os filhos tinham que lutar pelos ideais deles. Em algum momento, meu pai contabilizou que Porto Nacional teve 18 presos políticos e quatro eram filhos dele. Teve, de certa forma, orgulho.

L – Onde você estava quando aconteceu o golpe?

D – Não me lembro. Ouvi no rádio, no Repórter Esso. O Hamilton estava em casa e não me recordo se o Athos voltou para Porto depois de Catanduva. Meu pai ficou mais retraído, mas não puxando a gente para trás, mas ficou mais apreensivo. Minha mãe era muito religiosa, rezava pelos filhos, entregava pra Deus. Athos foi para São Paulo e já não voltou.

L – Tio Athos chegou a ser preso antes de ir embora? Como foi a saída dele?

D – Athos foi o primeiro preso político de Porto, junto com nosso irmão Hosterno e outros, mas foi uma prisão rápida, em 1969. Logo



depois ele e Hamilton entram na clandestinidade. Saiu por via terrestre, como eu, para o Chile. Era 1972, no começo do ano. Já tinha caído muita gente. Eu fui presa em abril, ele já tinha ido. Ficou sabendo por telegrama da minha prisão, algo assim.

L – Como foi este período da sua prisão?

D – Muito duro. Quando sou solta, em julho, me sentei nas escadas da casa dos meus pais e chorei avisando que Hamilton estava preso, estivemos no mesmo presídio em Brasília. Era para ser um momento feliz, mas foi uma morte para todos. Contra ele havia mais coisas, contra mim não tinha nada de fato.

L – Como você saiu do Brasil?

D – O Airton, nosso irmão frade dominicano, me avisou que iam pedir outra prisão preventiva contra mim. Os meses de prisão e tortura tinham sido muito duros. Eu tive medo. Ele disse: “O Athos está no Chile, se você quiser, eu te ajudo a sair do país”. Eu vim com três mudinhas de roupa para a Cidade de Goiás. Lá, o dom Tomás Balduino falou pra eu ficar tranquila, que ia me levar para São Paulo no teco-teco dele. Foi conversando comigo o tempo inteiro. Não pôde pousar no aeroporto e baixou no Campo de Marte, que era militar. Ele me levou até um colégio e quando chego lá quem me recebeu foi a esposa de um militar. Eu fiquei na minha, fiquei caladinha. Em dois dias o Airton veio me buscar e desceu até Foz do Iguaçu comigo, dormiu comigo do lado argentino.

L – Como foi a sua chegada no Chile?

D – O Athos tinha mandado um cartão de Dia das Mães e foi com o endereço deste cartão que eu cheguei lá no Chile, mas o Athos não estava naquele endereço. Athos estava em Valparaíso, em uma casa onde morava com uns

gaúchos. Ele ficou muito emocionado, chorou, me abraçava. Ele queria saber notícias do Hamilton, eu dei essa que eu tinha, que ele estava preso em Goiás. Ficamos em Santiago, morando na mesma casa, fomos trabalhar na entidade do Betinho. [Ali] a gente tinha acesso aos jornais do Brasil, trabalhava no arquivo. Betinho assessorava o Allende.

L – E de novo, o golpe? Como foi este dia?

D – No dia do golpe, eu e o Athos tivemos uma reunião com o pessoal do PS (Partido Socialista). Saímos de casa, fomos os dois caminhando, passamos na casa de uma chilena e ela falou que o golpe já estava acontecendo. Ficamos em uma esquina da Alameda onde moramos vendo o bombardeio do La Moneda. Muito triste. Tínhamos um contato com a embaixada francesa e fomos atrás disso. Daí os franceses nos levaram para a embaixada do México, que era a única aberta.

L – E como foi na embaixada?

D – Era um sobrado, no andar de cima estavam o embaixador e a família do Allende. Nosso grupo era grande, Vladimir Palmeira, Cid Benjamin, seu pai, Gaúcho, muita gente. Alguns dormiam nos degraus da escada, em cima da mesa, debaixo da mesa. De lá, só saímos uns dez dias depois, à noite, de ônibus, para o aeroporto. Naquele momento acreditávamos que teríamos exílio no México, mas não foi bem assim. Chegando lá eles disseram que não tinham condição de receber todo mundo, nos hospedaram em um hotel, e começamos a peregrinar de embaixada em embaixada pedindo asilo.

L – E quando a Bélgica aceita vocês?

D – Ela não aceita. Conseguimos visto pra Iugoslávia, depois de meses no México. Mas decidimos arriscar e descemos na Bélgica, em uma conexão do nosso voo.

Recebemos uma carta verde que permitia a gente ficar. Uma entidade belga nos alojou em uma casa em Nivelles, nos deu roupas e nos encaminhou para trabalhar, eu em uma gráfica e seu pai e seu tio em uma fábrica de móveis. Em menos de mês conseguimos alugar uma casa, que logo se tornou ponto de encontro, nos finais de semana, todos os exilados brasileiros em Bruxelas vinham pra nossa casa.

L – Teve um momento em que fizeram greve de fome?

D – Sim, por poucos dias, para apoiar presos políticos e pedir a anistia, porque nunca desistimos de voltar para o Brasil. Nesse tempo, o Athos era a pessoa mais próxima de mim. Ele estava comigo quando eu perdi minha primeira filha e quando você nasceu. Você o chamava de Tito quando aprendeu a falar.

L – E como foi quando a anistia chegou?

D – Foi uma alegria! Corremos para a embaixada atrás dos documentos. A ONU bancou nossa volta, em pequenos grupos. O Vladimir veio primeiro. Depois viemos eu e seu pai. Athos ficou porque estava já esperando o Joaquim. Nós chegamos em outubro de 1979, eles em janeiro de 1980. Ficamos um tempo em São Paulo, daí eu vim para Goiânia, o Hamilton tinha conseguido emprego pra mim, e logo depois o Athos mudou com a família para cá.

L – E agora, a despedida.

D – A parte mais difícil. Os filhos criados, os netos, a companheira que ele tanto amou, a casa que construíram juntos, e a vida tem dessas coisas. Mas eu agradeço muito poder ter estado com ele até o final. Agradeço a Thais por ter cuidado dele e por ter recebido a gente. Foi muito importante pra mim e acho que pra ele estarmos juntos.

Dagmar Pereira da Silva,
irmã de Athos Pereira, mãe
de Luisa e Mariana, e avó
de Tomás, Bento e Cora.



BOTAFOGO, UMA PAIXÃO

Athos e eu tínhamos em comum o gosto por um bom vinho e a paixão pelo futebol, além da preferência política. Ele, militante; eu, no meu canto, com mulher militante do PT. No futebol, a gente torcia para times diferentes, e digo que era difícil aguentar o Athos nas raras vezes em que o Botafogo dele surrou o meu Vasco. Agora, quando vejo a boa fase do Botafogo, não tem como não lembrar dele!

Pedro Irlei Resende Silva

Passsei a conviver com o Athos nos primórdios do PT em Goiás, em 1980, e da minha carreira de jornalista na Rádio Difusora de Goiânia. Nossa ligação se fortaleceu quando soube que ele também torcia para o Botafogo. Outra estrela em nosso caminho. É salutar lembrar que Athos só pode ser considerado, realmente, um ser humano quase pleno devido ao seu bom humor exacerbado. Ele me lembra, às vezes, o Fradim, personagem do Henfil. Humor afiado, utilizado com precisão em suas falas nas plenárias do PT, em Goiânia, que irritavam seus opositores. É muita responsabilidade falar sobre ele. Quando se trata de política, ele é muito sério, comprometido e com vasto conhecimento acadêmico. Não podemos, de forma alguma, desconhecer sua contribuição na formação de tantas lideranças petistas que passaram pelo Congresso Nacional. Suas reflexões políticas fortalecem até hoje a sigla. Por essas e outras razões, podemos assegurar que Athos Pereira está presente.

Armando Neto Machado de Araújo

Falar do Athos, o sogro do meu filho Diego, pra mim é como se eu estivesse com ele sentado conversando sobre futebol. Assim como eu, ele era um torcedor do Botafogo, justo e fanático. Dele, ganhei um livro sobre o Mendonça, ex-jogador do Botafogo, que guardo com imenso carinho.

Edmilson Belchior

Entre Athos e eu, sempre houve duas estrelas: a vermelha do PT e a solitária do Botafogo, que tanto nos fez rir e chorar. Partilhávamos nossas duas grandes paixões, o futebol e a política, empunhando as mesmas bandeiras e torcendo sempre do mesmo lado. Se o início

da jornada já foi fantástico, o caminhar junto foi melhor ainda. Dono de um humor refinado, suas "tiradas" tornavam o nosso estar-junto sempre festivo e agradável. Com ele não tinha tempo ruim. Fez da militância causa e consequência de vida. Lutar fez parte da sua vida até o fim. Não conseguiu vencer a doença, mas foi capaz de deixar prontinha uma supernova, esse fenômeno astronômico que ocorre durante os últimos estágios evolutivos de uma estrela, ou seja, quando uma estrela gigante chega ao fim. O brilho que vem dessa explosão atinge milhões de vezes a luminosidade de uma estrela antes de ela estourar. O Athos é a supernova, nasceu para ser estrela e se transformar em um astro gigante. Ao partir, deixou um rastro de luminosidade sempre presente em mim e, com certeza, em muitos e muitas de nós.

Edson Dantas

Já ouvira amigos em comum falarem do Athos, mas só nos conhecemos em 2003, na Liderança do PT na Câmara, onde ele deixou uma legião de amigos. Deu preciosas contribuições para a Bancada do PT e para quem trabalhava ao lado dele, com suas análises de conjuntura. Ria quando contava que fugiu da repressão da ditadura militar disfarçado de padre e foi parar numa igreja na minha querida Uberaba (MG). Sua paixão pelo futebol, com o seu precioso Botafogo, também era outro ponto de convergência. Como sou cruzeirense, me lembro que em 1996 escreveu uma crônica sobre o time, publicada na *Folha de S. Paulo*, assinada pela então líder do PT, Sandra Starling: "O destino numeroso de torcer pelo Cruzeiro". Está lá: "Antes de ser um time, o Cruzeiro, para mim, é uma paixão, e é da natureza das paixões não se deixarem reduzir aos parâmetros e equações da economia. Porque, se a economia é cinza, a terra é azul como a camisa do Cruzeiro". Ambos os times, Botafogo e Cruzeiro, têm camisas com estrelas e, por sinal, neste ano de 2024 enfrentam disputas cruciais: o primeiro, a decisão da Libertadores da América, o outro, a final da Copa Sul-Americana. Um momento de celebração para quem sabe da paixão de Athos pelo seu time.

Paulo Paiva Nogueira



UM QUERIDO COMPANHEIRO

Athos Pereira [foi] um dos meus melhores amigos, um dos melhores seres humanos que conheci. O maior sábio e pessoa culta que tive a oportunidade de conviver na vida.

José Antônio Dias Toffoli

No início, era conhecido como Goiano. Goiano pra cá, Goiano pra lá. Quando criança e adolescente, encontrava com ele meio bissextamente e não alcançava muito sua importância na vida da minha família e especialmente do meu pai, Odair. Goiano sempre foi um amigo muito estimado pela família toda e esteve presente em vários momentos festivos ou de atividade política; fosse em Porto Velho ou em qualquer outro canto. Percorreu algumas cidades de Rondônia defendendo o presidencialismo no plebiscito de 1993. Esteve na festa de 30 anos do casamento de Lúcia e Odair em 2000. Aos poucos, o Goiano se transformou em Athos. Testemunhar uma conversa entre Athos e Odair era delicioso. Era uma história saborosa seguida de outra mais fantástica (e inverossímil, por vezes). Lembro do Athos falando sobre as grandiosidades do Rio Tocantins, o maior rio do Brasil, já que ele “empurrava aquele tal de Amazonas”. E uma competição infinita sobre quem havia lido mais que o outro. Depois que comecei a morar em Brasília passei a encontrá-lo mais frequentemente. Esses encontros sempre tinham um quê de aula-espetáculo, pelo compromisso político, pelas referências, pela teatralidade na contação, pelo humor, pelo carinho. Sinto orgulho da única escolha possível da minha família quando a vida do Athos esteve em risco durante a ditadura: arru-

mar dinheiro para que ele pudesse deixar o Brasil. Privilégio define ter sido contemporâneo do Athos.

Chico Cordeiro

Minha lembrança mais antiga do Athos foi em uma manhã após uma vitória da seleção brasileira sobre a Argentina. Empolgado, ele disse que comprou o jornal só pra garantir que o Brasil tinha ganhado mesmo. Eu, ainda criança, fiquei impactado com uma pessoa que era capaz de comprar um jornal só pra comprovar uma vitória. Me marcou o gosto que aparentou ter pela leitura. A apuração da última eleição presidencial, que consagrou nossa volta depois de duros golpes e anos de agonia, foi outro momento emocionante com o Athos. Em um cenário tenso, quando a apuração apontou a virada do PT, me virei para ver a reação do companheiro. Vi um Athos emocionado, de punho cerrado, com os olhos molhados, como um rio caudaloso após uma alegre chuva de paz.

Gabriel Vilas Bôas Calaça

A partida do companheiro Athos Pereira para a eternidade nos entristeceu e sentimos saudades de sua presença. No entanto, ele nos deixou um legado de exemplo de luta pela democracia. Um militante de esquerda que lutou contra a ditadura militar e que, apesar das perseguições sofridas, nunca abandonou a luta. Em Formosa, tivemos a oportunidade de conviver mais de perto, organizando o PT municipal. Foi companheiro de todas as horas, contribuindo de forma intelectual e material para o fortalecimento do PT. Em sua memória, seguiremos organizando o nosso PT, tal como ele sonhava.

Jorge Antonini

"O MIÓ DOS MIÓ"

Athos nos fazia lutar por este mundo que sonhamos ainda ser possível.

Laurenice Nolêto, Nonô

A morte do companheiro Athos Pereira, um dos fundadores do PT e militante histórico do projeto liderado pelo presidente Lula, representa uma enorme perda para a luta por um Brasil democrático e mais justo e solidário. Exilado político durante a ditadura militar, Athos retornou ao Brasil em 1980, após a Lei da Anistia, e teve uma vida comprometida com as lutas do povo brasileiro e com a construção do PT.

Aloizio Mercadante

Eu tive o prazer e a sorte de conhecer esse ser humano fantástico que foi Athos Pereira. Com sua determinação e firmeza, mas também sua suavidade, conseguiu influenciar muita gente da nossa geração e das gerações que vieram depois. Era competente, culto, estudioso, literalmente uma graça de pessoa. Convivi com ele em dois ambientes, o do trabalho e o da residência. Eu era o líder, ele o chefe da assessoria da Liderança do PT, e nós compartilhávamos o mesmo apartamento funcional, junto com Sandra Starling e Thales, e essa convivência dentro de casa me revelou surpresas admiráveis, como eu passar pela sala e ele estar ali, lendo um livro que já tinha lido. Athos, você já não leu esse livro, eu perguntava. "Já, mas estou lendo de novo para ver o que mais eu descubro nessas páginas", ele respondia. Só um gênio, só uma pessoa

com muita sensibilidade, com muito humanismo e com muito interesse pela verdade é capaz de fazer algo assim, ler várias vezes o mesmo texto para ver o que encontrava de diferente. Algumas vezes eu pedia a ele pra fazer um discurso pra mim e depois, humildemente, eu tinha que pedir que tirasse um pouco das citações, porque se eu descesse da tribuna e me perguntassem, eu não saberia falar sobre o que ele tinha citado. Então quero dar esse depoimento: eu conheci um ser humano fantástico, sereno, profundo, radical no melhor sentido da palavra, que ia na raiz das questões e que era extremamente amigo e carinhoso com as pessoas. Por onde estiver passando, vai encantar. Por aqui, ficam as lembranças boas do tempo em que ele esteve com a gente.

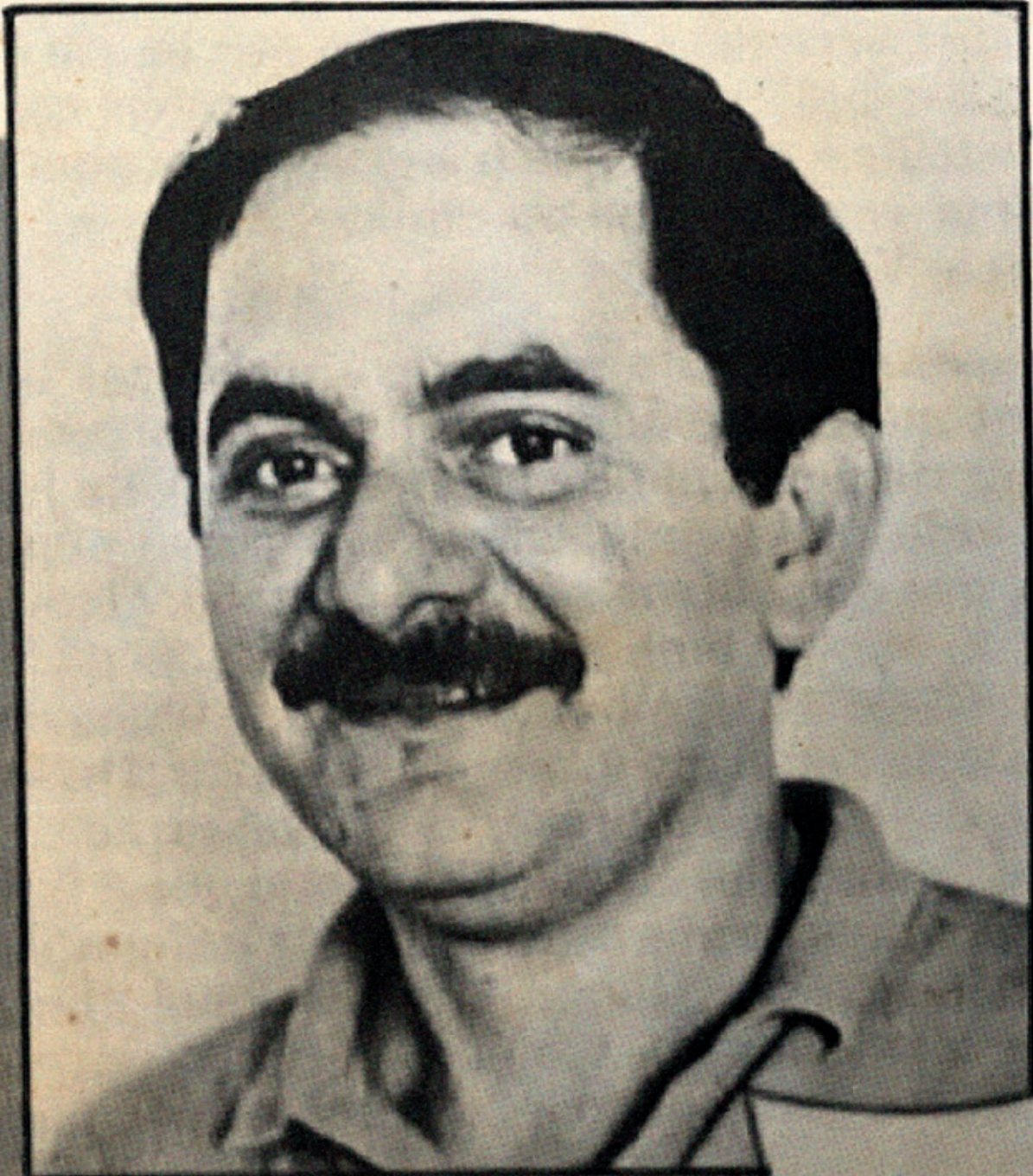
Jaques Wagner

Estou muito emocionado. Athos foi um camarada que deixou muita luta, resistência e vigor para toda a classe trabalhadora. Uma vez ele achou que eu tivesse morrido e espalhou a notícia pra todo mundo lá em Brasília. Depois de muito tempo, ele descobriu que o Santos que tinha morrido em Cavalcante era outro, não eu, que continuo aqui, morando em Teresina de Goiás. Depois disso ele apareceu por aqui e contou que ficou feliz demais por me encontrar vivo. Athos veio aqui em casa outras vezes, em uma delas com o Mercadante. Outra vez ele me trouxe um livro do irmão dele, o Pedro Tierra, de quem eu também gosto muito.

José Lázaro Bernardo, Santos



SEMPRE UM REBELDE



VOTE **13.2** VOTE
ATHOS PEREIRA



É uma honra, é um dever, é uma missão essa homenagem ao Athos Pereira. O meu primeiro contato com a trajetória deste grande militante começa por meio do Hamilton Pereira, o Pedro Tierra, quando estivemos presos no DOI-Codi de Brasília, no PIC, e o Hamilton me contava histórias sobre o irmão dele, o Athos Pereira.

Ao sair da prisão, fiquei um período na reestruturação da esquerda, do PT, e fiz, à época, alguns contatos na reconstrução da UNE, no período da democratização. Numas das viagens que fiz nessa época, fui a Goiânia, conheci o Athos pessoalmente e falei pra ele: eu já conheço você de nome pela admiração que seu irmão refletia sobre você, quando a gente estava incomunicável no PIC de Brasília. Nossa conexão foi imediata e rápida.

Mas a minha maior experiência de convivência com esse grande militante foi no Parlamento brasileiro. Como é público, eu exerci mandato parlamentar como deputado federal durante 26 anos e, por duas vezes, fui líder da bancada do PT, onde desenvolvemos uma relação mais profunda do que a profissional entre um deputado e um assessor. Além de uma grande amizade, desenvolvemos uma sólida afinidade enquanto militantes socialistas e petistas.

Minha admiração pelo Athos Pereira foi crescendo cada vez mais por ver nele um militante preparado, um militante que participava dos embates teóricos, que cuidava muito da elaboração, da reflexão, do debate, embora ele atuasse mais em bastidor, mais na elaboração, mais nos textos, mais nas conversas, e foi essa a experiência que eu tive com ele.

Em todos os embates que tivemos na Câmara – e nós tivemos muitos embates –, e nesses embates, principalmente durante a resistência às reformas neoliberais de Fernando Henrique Cardoso, no período da resistência à emenda da reeleição e mesmo no processo de crise no segundo mandato do governo

FHC, o Athos já tinha uma relação como se ele fosse mais do que um deputado pela sua capacidade de reflexão e de elaboração.

Athos era um quadro político que elaborava, que refletia; muito mais um escritor, um conversador, do que um orador. Um intelectual orgânico no sentido gramsciano, porque ele elaborava, ele organizava, ele não era o intelectual do eu sozinho. Era um intelectual que compunha, que juntava, que tinha uma capacidade de aglutinação muito grande.

Ele tinha as posições dele, as reflexões dele, mas sabia reunir, sabia conviver. E, principalmente, no caso da Liderança do PT, ele era muito atencioso com as novas gerações que chegavam, sem a nossa experiência, que estavam começando a luta política; ele tinha uma paciência para conversar, paciência para orientar e paciência pra ouvir.

Eu guardo muita lembrança das conversas que a gente tinha no final do dia ou, quando a gente tinha uma folga, sobre as leituras que a gente fazia. Me lembro das leituras e reflexões que a gente realizava a respeito dos impasses que a esquerda vivia, principalmente com o fim da União Soviética, com a crise do socialismo e com os dilemas que a gente estava vivendo na resistência ao modelo neoliberal no Brasil.

E o Athos, apesar das reflexões duras sobre esses impasses, ele sempre tinha um lado, ele sempre tinha posição, ele não fazia como alguns fizeram, de costear o alambrado, de mudar de posição, de se dobrar às conveniências, de ficar maneirando. Era uma pessoa com posições muito claras e firmes. Eu via isso quando a gente discutia sobre alguns livros, sobre algumas biografias, sobre alguns

textos importantes que estavam surgindo, ele sempre com o olhar de esquerda, com o olhar socialista, com o olhar petista.

Portanto, eu quero deixar claro, nessa minha homenagem ao Athos, que eu tenho pensado muito nele, inclusive quando eu fui solicitado a dar esse depoimento eu tive alguns momentos em que eu sonhei com o tempo em que a gente viveu juntos, que foi uma convivência muito intensa, que nunca foi uma convivência normal nem burocrática.

Juntos, vivemos a era dos embates, dos enfrentamentos da Câmara, da preparação, por exemplo, da Marcha dos 100 Mil, da preparação das obstruções, da luta para construir uma assessoria coletiva no PT, porque assessoria tem muito a cultura do individualismo, e ele ajudou e foi fundamental na construção de uma assessoria de trabalho coletivo na Liderança do Partido dos Trabalhadores.

Isso é muito importante e atual, sobretudo neste momento em que a gente vive uma certa influência do individualismo, do pessimismo, de tudo se justificar pela correlação de forças, em que uma certa hegemonia leva à acomodação.

Na minha lembrança forte do Athos, ele era sempre um rebelde. Era um rebelde quando escrevia textos, era um rebelde quando conversava, era um rebelde quando dialogava.

Portanto, minha visão é a de que o Athos deixa uma contribuição permanente, viva, para o PT e para a democracia brasileira; a contribuição de um militante que se jogou na vida, seja na resistência à ditadura, seja no processo de democratização, na construção do PT.

José Genoio



FETEC CUT
Centro Norte



ACIMA DE TUDO, UM PETISTA

Athos e eu fomos da mesma direção nacional do PT, nos anos 1980. Tempo de construção partidária, nessa experiência tão bonita e tão longa que o Athos Pereira ajudou a construir.

Adair Rocha

O falecimento de Athos Pereira deixa um vazio para todos nós. Meu solidário abraço a todos e todas que tiveram a oportunidade de conhecer e conviver com ele.

Paulo Pimenta

A primeira vez que eu vi o Athos foi em um evento petista em Goiânia, isso já tem mais de duas décadas. Depois, passei a conhecê-lo mais de perto em Formosa, em algumas reuniões na casa da Zezé. Um

pouco mais tarde, com a vinda dele pra morar em Formosa, ficamos amigos. Em 2016, eu fui candidato a prefeito e contei com o apoio irrestrito dele e da Thais. Foi uma campanha simples, mas produtiva e, pra mim, de muito aprendizado do ponto de vista político. Nos anos seguintes, nossa amizade foi ficando cada vez mais sólida, nas campanhas, na militância e na vida pessoal. Em 2017, eu fui eleito presidente e ele vice nas eleições do PT Formosa. Daí, seguimos juntos na direção do PT até a partida dele, em 13 de agosto. Sinto demais a perda do companheiro Athos. Devo a ele a capacidade política que eu tenho de observar posicionamentos diferentes dos meus com respeito e tolerância.

Altamir Gualberto, Mirim

Conheci o Athos em 1986, na campanha eleitoral da Constituinte, em Luziânia. Ele veio aqui fazer uma plenária do PT e depois seguimos nos encontrando uma vez por mês, em Goiânia ou em Brasília, nas reuniões do Partido, junto com outro gigante da militância, o saudoso João Dalvi. Eu adorava o pós-reunião, porque a gente sempre saía para tomar uns tragos em um boteco qualquer. Ele sempre dizia que a conta era dele, porque em boteco o líder é quem paga. Ele ria disso. Em 1990, o Lula veio a Goiás e nós, eu e o Athos, fomos participar do comício do Lula em Trindade, o Athos tenso, preocupado com segurança do companheiro. Depois, num aniversário dele em um apartamento da Asa Norte, fiquei acanhado porque tinha muita autoridade chegando com whisky caro e eu só consegui levar de presente uma cachaça de Luziânia, mas ele foi logo dizendo que gostava daquela pinga e que amou o presente. Aprendi muito com o Athos, um aprendizado que foi entrando sem pressa e foi muito legal na minha formação política, no meu caráter como político militante do PT.

Didi Viana

Athos Pereira passou por nossa vida como uma presença ao mesmo tempo marcante e suave. De volta ao Brasil com a anistia política conquistada pelo movimento popular em 1979, foi peça chave na construção do Partido dos Trabalhadores em Goiás. Depois, em Brasília, contribuiu para estruturar um PT com raízes no povo, compromisso socialista e capacidade de incidir na política institucional. A presença dele na Liderança do PT na Câmara emprestou credibilidade e contribuiu para a unidade da bancada e de sua assessoria, a qual tive a honra de integrar nos anos 1980 e 90. Athos tinha a capacidade de ver a floresta para além de cada árvore, era leal e ético no relacionamento com parlamentares, colegas e representações populares. O jeito tranquilo e bem-humorado do Athos ajudou a criar um ambiente de trabalho colaborativo e qualificado sem o qual não teríamos construído o PT.

Márcio Marques de Araújo

Conheci Athos Pereira no início dos anos 1980. Comecei a trabalhar na sede do Diretório Estadual do PT no mesmo ano em que Athos Pereira foi eleito presidente do PT Goiás. Ele era um ser humano daqueles que quase não existem mais. Preocupava-se muito com os trabalhadores do Partido, e quando o PT às vezes não tinha dinheiro para pagar os funcionários, ele mesmo arcava do próprio bolso para não nos deixar sem pagamento. Foi um dos melhores presidentes que o PT já teve.

Neuza Maria Borges

Nosso encontro se deu quando Athos, recém-voltando do exílio, se lançou candidato ao Senado para fortalecer o PT. Ele nos brindava com sua perspicácia em relatar sua vida no exílio, sua experiência política, e isso o diferenciava das outras lideranças. Sua inteligência, sua capacidade de análise e sua oratória sempre nos impressionavam. Trabalhamos juntos na liderança do PT. Para mim, foi um período de intenso aprendizado e crescimento pessoal. Ele nos ensinava a importância da constante atualização e da adaptação às novas realidades. A partida de Athos deixou um vazio em nossas vidas. Mas suas ideias, seus valores e seu legado continuarão a nos inspirar. Ele será para sempre lembrado como um grande homem, um político íntegro e um amigo leal.

Regina Zolet

Saudade de seu sorriso largo, de seu bom humor, de sua dedicação ao PT e às lutas; dos nossos velhos tempos, da 1ª campanha eleitoral do PT, em 1982, ainda na ditadura, quando colar um simples cartaz em um muro era motivo pra nos atacarem até com armas de fogo. Saudade de sua companhia, nos meados de 1980, na sede do PT, no centro de Goiânia, de onde sempre saíamos, à noite, para continuar articulando em algum boteco; da memorável campanha de 1985, com as eleições "roubadas" de Darci Accorsi para prefeito de Goiânia, quando a justiça, pra variar, não nos foi feita. Saudades das nossas construções conjuntas, eu pela CUT e você, pelo PT, no final da década de 1980. Quanta falta você faz! O alento é saber que você foi, até o fim, um guerreiro amoroso e digno. E que escolheu ir embora num dia 13, fazendo da sua partida uma última homenagem ao nosso PT

Sandra Cabral

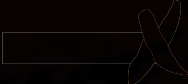
Conheci Athos Pereira na fase de reconstrução do nosso país, nas andanças pra aglutinar forças e organizar um Partido de esquerda e dos Trabalhadores em Goiás. Era uma liderança simples, descontraída, preparada e firme em suas convicções. Sempre se dispôs a exercer tarefas importantes, inclusive em momentos difíceis colocou seu nome disponível às candidaturas do PT, sem almejar proveito próprio, somente para fortalecer nosso Partido. Ocupou vários cargos na Direção do PT e foi Presidente do Diretório Estadual em Goiás. Em 1990, fomos companheiros de chapa, ele candidato ao Senado e eu a Governador, ocasião em que viajamos por todo o estado e fizemos uma bela campanha, um ano após a grande campanha do Lula à Presidência em 1989. Além de ser meu conterrâneo - nascemos, os dois, em Porto Nacional -, Athos foi um grande ser humano e um político respeitado. Tenho orgulho de ter sido seu compadre!

Valdi Camarcio

NOSSA LUTA, NOSSA VITÓRIA

A luta organizada do Sinpro-DF impediu um ataque brutal à aposentadoria da categoria magistério e dos(as) servidores(as) públicos(as). Mobilizados, conseguimos que fossem retirados os “jabutis” colocados na PEC 66/2023





A mobilização incisiva dos(as) professores(as) e orientadores(as) educacionais, organizada pelo Sinpro-DF em conjunto com a Central Única dos Trabalhadores do DF (CUT-DF), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e várias outras entidades sindicais foi crucial para a nossa vitória. Após Ato Público no Anexo II da Câmara dos Deputados no dia 24 de outubro, foi aprovada na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara Federal a retirada dos “jabutis” que atacavam a aposentadoria dos(as) servidores(as).

A retirada desses dois artigos foi comunicada à diretoria do Sinpro-DF pelo relator do texto, deputado Darci de Matos (PSD/SC), no dia 29 de outubro. “A categoria do magistério público obteve uma vitória histórica na Comissão de Constituição e Justiça. Nossa mobilização e nossa luta foram fundamentais para que deputados e deputadas federais respeitassem nosso direito à aposentadoria. Os jabutis caíram da PEC 66. A vitória é de todos nós”, declarou a diretora do Sinpro-DF, Márcia Gilda.

Alerta, atenção e mobilização intensa

Para evitar a perda de direitos, desde maio de 2024 o Sinpro mobilizou a categoria com uma série de atividades: plenárias regionais nas escolas, conversas com deputados(as) federais, debates e publicação de outdoors e peças publicitárias na TV aberta. Foram quase dois meses de mobilização intensa, em que a categoria atendeu ao chamado e partiu para a pressão em congressistas, com culminância no ato do dia 24 de outubro.

A vitória do dia 29 de outubro na CCJ é mais uma demonstração da necessidade de constante mobilização e alerta da classe trabalhadora, uma vez que “jabutis” como os da PEC 66 têm sempre uma coisa em comum: são propostos por aqueles que têm interesse no Estado mínimo e, conseqüentemente, estão alinhados com o setor financeiro.

Mobilizados, a categoria e o Sinpro-DF lutaram bravamente, assegurando o direito da categoria se aposentar.

UM MILITANTE IMPRESCINDÍVEL



Uma das maiores experiências de socialismo que habitou entre nós.

Geraldo Araújo

Minha formação política eu devo, em grande parte, ao Athos. Sua militância nunca terá fim!

José do Carmo

Em vida, um símbolo de luta, fé, amor e esperança. Um ser encantador, que nos deixa a certeza de que juntos podemos mais.

Welio de Iraci Chegou

Conheci o Athos em Cavalcante, na luta, nos anos 1980, na fundação do PT, em reuniões com posseiros do norte goiano, pessoas que gastavam até dois dias a cavalo para chegar lá. Era uma época muito difícil, mas o Athos conseguiu formar um núcleo do PT em Cavalcante. Ele tinha essa capacidade, essa paciência de conduzir as pessoas. Ele era uma pessoa séria, mas alegre. Era um homem bom, no coração dele tinha muita compaixão e era muito caridoso.

Helena Hatsuko Miyagusuku

Meu companheiro Athos Pereira eu conheci há mais de 40 anos, quando nós éramos todos jovens ainda. Juntos, conseguimos construir o nosso PT. Ganhamos prefeituras, ganhamos a presidência do Brasil, não uma, mas cinco vezes. Isso só foi possível por termos tido como companheiro um militante como o Athos Pereira, um intelectual com a prática de trabalhador, um pensador com visão operária. Militantes como o Athos Pereira, nessa vida, eu conheci muito poucos. Muitas vezes eu saía daqui sem ter como voltar pra casa e o Athos, discretamente, nunca me deixou sem jeito de voltar pra casa. Eu nesse momento estou meio perdido politicamente. Eu sinto uma falta imensa dele aqui para uma vez mais nos orientar e nos dar a serenidade para seguir em frente. Eu quero dizer aos filhos do Athos Pereira que pouca gente tem um pai como o que eles tiveram, que sempre trabalhou para melhorar a vida do povo brasileiro.

Joaquim Narciso

Athos sempre foi e será uma grande referência pra mim e muitos outros que acreditam na luta diária por justiça como um compromisso inalienável da existência, de estar no mundo. E nesse compromisso de vida ele nos liderava e orientava politicamente, em ensinamentos e reflexões permanentes e profundas. Nos momentos de dúvidas e cansaços, de tristeza e desânimo, sempre me vem o exemplo dele, de muita dignidade, disciplina, humildade, perseverança e coerência; a sua capacidade de entendimento mais além, mais ampla e sistemática, pra daí me animar e seguir adiante, com sua força e seu compromisso com o povo. Em tempos difíceis, Athos nunca recuou, nunca desistiu ou exerceu a crítica fácil e oportunista. Sempre atuava em uma perspectiva mais ampla, como se um compromisso histórico o impelisse, e isso nos fortalecia e empolgava.

Jean Keiji Uema

Entre na Câmara dos Deputados em 1993 e fui lotado na Liderança do PT, um celeiro de talentos. Ali, Athos era fonte segura de informações e pesquisa, pois guardava em sua memória fatos históricos, datas, contextos políticos que o faziam produzir textos de forma rápida, precisa e com palavras contundentes, um material precioso, usado pelos parlamentares em discursos, matérias e pareceres da bancada. Ele era um verdadeiro conselheiro político. Para mim, foi um amigo que me estimulou a trilhar caminhos além da Liderança do PT. Quando saí da Liderança, em 1998, Athos era o chefe de gabinete e permitiu minha transferência para a Consultoria de Orçamento da Casa. Em fevereiro de 2007, o deputado Arlindo Chinaglia assumiu a presidência da Câmara e o Athos me indicou para ser seu chefe de gabinete. Confesso que foi desafiador e, a meu ver, uma loucura do Athos. Sinto-me privilegiado por tê-lo conhecido e tido como amigo.

Rubens Foizer Filho

Hoje, celebramos o legado de um guerreiro, um amigo leal e um companheiro incansável de luta: Athos Pereira, cuja presença iluminou os caminhos que trilhamos juntos. Em cada desafio enfrentado, sua determinação foi um farol que nos guiou, lembrando-nos da importância de nunca desistir de nossos princípios. E, com sua coragem, ele sempre nos lembrou que a luta é coletiva, que a força está na união e que, juntos, somos mais fortes. Sua contribuição para a nossa causa é inestimável e permanecerá como um guia para todos e todas nós.

Martha e Paulo César Nunes

Athos é um desses seres humanos imprescindíveis. Foi lutador, defensor dos direitos humanos, da democracia e dos menos favorecidos. Se digo ele foi, reafirmo que o seu pensamento continua vivo. Tive o prazer de conviver com o Athos desde a fundação do PT. No início da construção partidária, tínhamos os núcleos petistas que nos proporcionavam grandes momentos de debates e formação dos militantes. Em todos os momentos em que a clareza política exigia reflexão, lá estava o Athos chamando a atenção para a importância de nossa inserção nos movimentos populares. Defendia um partido de massas, com ampla participação dos sindicatos e das associações de moradores, em contrapartida a quem defendia um partido de quadros. Nos últimos anos, a nossa convivência foi aqui em Formosa, no Diretório Municipal e nos momentos lúdicos tomando um whisky. Um desses momentos lúdicos foi no meu casamento, em dezembro passado, quando Nilza e eu tivemos a honra em ter Athos e seu grande amor, a companheira Thais, como nossos padrinhos. Athos continua vivo nas águas do Rio Tocantins, onde suas cinzas foram jogadas, para seguir alimentando o ciclo infinito da vida.

Ubirajara Augusto

Guardar Athos em nós é lembrar de seu apreço pela democracia e, assim, admirá-lo, por ter sido iluminado por ela. Guardar Athos em nós é vigiar a democracia; é fazer vigília, velar, é estar acordado e atento por ela. É em atos que honramos a democracia todos os dias e celebramos e guardamos o Athos Pereira que permanece em nós!

Yvone Magalhães Duarte e Rolf Hackbart



UM LEGADO INCONTESTÁVEL

Um grande guerreiro. Seu legado é orgulho para todos e todas nós.

Alice Bites Leão

Grande referência na construção de um mundo possível. Legado incontestável.

Arthur Wentz e Silva

Exemplo de luta e de coragem! Deixa imenso legado em defesa de um país justo e democrático.

Cida Dias

Expresso minha profunda e eterna admiração por este grande e imprescindível militante. Sua jornada como fundador e ex-presidente do PT em Goiás marcou nossas vidas com sua sabedoria e visão política. Seu legado, fundamentado nos valores de justiça e fraternidade, será sempre uma inspiração. Sentiremos muito a sua falta, mas suas ideias continuarão a nos guiar, indicando o melhor caminho para quem, como nós, luta por um mundo justo e solidário.

Berilo Leão

Conheci Athos Pereira em 1995, quando comecei a trabalhar na Liderança do PT na Câmara dos Deputados. Aos poucos, começamos a conversar sobre o trabalho cotidiano e evoluímos para conversas mais amplas que envolviam o PT, a conjuntura nacional e internacional. Aprendi muito com ele. Athos era um leitor voraz e fazia questão de dividir suas conclusões sobre o que estava lendo. Fazia análises profundas sobre esses textos tornando suas conversas verdadeiras aulas de literatura e de política. Orientava a bancada com grande sagacidade, o que permitia uma atuação destacada do PT em plenário. Sabia como se relacionar com os deputados e com a equipe da liderança com respeito e cordialidade. Tinha o respeito de todos. Trabalhar com Athos tornava fácil desenvolver as tarefas cotidianas, pois o resultado era sempre um salto de qualidade. Ele era a alma daquela Liderança.

Carlos Eduardo Malhado Baldijão

Athos Pereira faz parte da minha história de vida. Nos conhecemos nos primeiros anos da fundação do PT. Juntos, trabalhamos na criação dos primeiros diretórios municipais e estadual do PT, em Goiânia e em dezenas de outras cidades do estado. Tive a honra de privar de sua amizade, de conhecer seus pais e irmãos em Porto Nacional, de modo que nossas famílias se tornaram próximas. Acompanhei o trabalho do Athos em Brasília, assessorando os primeiros deputados federais do PT, e posso testemunhar a admiração do Deputado Federal Jaques Wagner (hoje senador) pelo trabalho desenvolvido por Athos. Tenho certeza de que Athos contribuiu efetivamente para que o PT chegasse aos dias de hoje como partido de massas, que tanto contribui para democracia e para o desenvolvimento do Brasil.

Dianary Menezes, Didi

Athos Pereira deixa um legado incontestável para o povo trabalhador do Brasil, em especial de Goiás. Iniciou sua militância muito jovem, foi exilado, voltou com o compromisso de lutar pela democracia. Fundou o PT. Foi um dos primeiros filiados do PT. Era firme, porém, sereno. Eu nunca vi o Athos Pereira alterar a voz. Foi fundamental no estabelecimento das relações de parceria entre o PT de Goiás e o PT do Distrito Federal. Construiu o PT no Entorno, junto com a Zezé Weiss e com a companheirada aqui da região. Vai fazer muita falta pra nós.

Jacy Afonso

Athos foi uma das primeiras pessoas que conheci quando ingressei na Assessoria Técnica da Liderança do PT, ele era o chefe de gabinete e coordenava a Liderança do maior partido de esquerda. Tive a oportunidade de compartilhar de seu grande companheirismo e amizade. Seu legado permanece em todos nós que tivemos o privilégio desse convívio.

Jerônimo Guedes

A partida de Athos é sentida por todos nós companheiros de trabalho e de luta diária. O desprendimento de sua alma, a serenidade, o jeito de conseguir acertar as diferenças entre pessoas tão divergentes deixará saudades. Na virada dos anos 1980, a Assessoria do PT na Câmara Federal contava com um time de assessores técnicos de qualidade. Jose Pinto, Rolf Hackbart, Jose Carlos Peliano, Luiz Alberto dos Santos, Marcio Marques de Araujo, Jose Antonio Dias Toffoli, Carlos Baldijão, Laurez Cerqueira, Fabio Holanda, Carlos Zanata, Freitas Diniz, Maria Emília, Bernard Appy, além do corpo técnico da casa, do qual eu fazia parte. Na gestão do líder Jaques Wagner, Athos Pereira passou a coordenar esse corpo técnico equilibrando pensamento crítico com o posicionamento político do conjunto da bancada de parlamentares. Ao companheiro de duras batalhas que nos deixou, minha profunda gratidão. O apoio de Athos foi determinante para o nosso desempenho, reconhecido como referência na Câmara naqueles tempos.

José Umberto de Almeida

Desde sempre, lutou por um mundo melhor. Seus atos solidários e militantes nas estradas de Goiás/Tocantins ajudaram a construir o PT. Em Brasília, por muitos anos foi esteio na construção dos ideais petistas. Ao se aposentar, mudou-se com Thais para Formosa. Veio com muita vontade, vontade de garoto, sempre pronto para, junto com a militância local, construir uma Formosa, um Goiás, um Brasil e um Mundo melhor. Alguém já disse que "as palavras comovem, as atitudes arrastam". Athos Pereira nos chamou, convidou, convocou, puxou, arrastou. Agora encantado, nos deixa como legado os seus atos em vida, para que possamos pendurá-los em duas dimensões: Athos de amor e Athos de transformação política e social. Vivamos os atos de vida de Athos Pereira.

Maurélio Moreira de Araújo



SAUDADE: PRESENÇA QUE FICA

Sou pessoa mais afeita às letras lidas, que às escritas. Terei para sempre um sentimento de gratidão e carinho pelo Athos que nenhuma palavra minha poderia alcançar.

Heloísa Ramos

Conviver com o Athos Pereira só fez aumentar a minha admiração pela sua pessoa. Aprendi muito nessa convivência.

Pedro Henrique Mendes Ferreira, Pedrão

Athos Pereira marcou muito a minha vida, seja na juventude, em Porto Nacional, ou depois, em Goiânia. A despedida dele fez revigorar em mim boa parte da nossa convivência.

Raimundo Rodrigues Bezerra, Dico

Vou me lembrar sempre da nossa caminhada, andando por este estado de Goiás, quando o Tocantins ainda estava por vir. Uma caminhada de construção de sonhos, da luta por um mundo melhor, que foi a base de sua vida. Vou me lembrar sempre do seu humor irônico, das reflexões e do seu jeito de fazer-história com seus parceiros e parceiras de luta.

Ceser Donisete

O Rio Tocantins, que margeia Porto Nacional, acolheu os retirantes nordestinos, pais de Athos Pereira e, de uma forma simbólica, recebe suas cinzas, trazendo de volta

suas memórias e histórias de lutas e resistência. Athos contribuiu de forma expressiva na produção teórica e na formação ideológica de militantes e dirigentes do PT. Pessoalmente, vivenciei grandes momentos com Athos Pereira na defesa e garantia dos direitos dos trabalhadores rurais, na organização da agricultura camponesa e na luta pela reforma agrária. Seus pensamentos e ideias eram expostos com leveza e bom humor, assim como ele era em suas relações sociais. Às vezes, com ironia sutil nos embates com os adversários. O convívio com o mestre me proporcionou uma gama de conhecimentos e riqueza intelectual que trago para toda minha vida.

Isidoro Revers, Galego

Saudade do meu amigo Athos Pereira, dos quase 30 anos de uma amizade sólida. Do amigo que me ajudou em tempos difíceis, que comemorou comigo nas horas boas; que chegava na Liderança descabelado e abaixava a cabeça pra Simone ou eu pentearmos o cabelo dele. Dos nossos almoços no Francisco às quintas-feiras com o também saudoso amigo Moacyr, gesto solidário do Athos que surgiu quando me separei, meu ex-marido ia almoçar com as filhas, e eu não tinha companhia. Por muitos anos, seguimos o mesmo ritual: sentávamo-nos sempre na mesma mesa, comíamos marreco. O garçom sempre trazia o *Red Label* do Athos com duas pedras de gelo, a caipiroska de lima do Moacyr e uma coca zero pra mim que, claro, era quem dirigia. O Athos não tinha religião e

eu sou protestante e da turma da oração. Quando a coisa foi apertando, ele me ligava e falava nas entrelinhas pra eu orar por ele. Já bem doente, sem poder falar, eu disse pra ele: você pode não acreditar o quanto quiser, mas eu oro por você o tempo todo. Ele apertou a minha mão bem forte e do seu olho caiu uma lágrima. Foi nossa última interação consciente. Meu amigo deixou um legado de muita sabedoria, amizade e companheirismo.

Lúcia Pedroso

Uma certa noite, ao chegar na quadra 107/108 Norte do Plano Piloto para um encontro com amigos no Bar Beirute, estacionei numa vaga do outro lado da rua, na frente de outro bar, com mesas esparramadas pela calçada. Numa delas estava o Athos Pereira e, no centro da mesa, uma majestosa garrafa de whisky. Estranhei e, diante do whisky, falei da minha surpresa, visto que há pouco tempo havia feito uma cirurgia cardíaca. A resposta veio na lata: “Mas eu não nasci para ser eterno!” Assim era o meu companheiro Athos Pereira. Conversar com ele era como embarcar numa nau que variava de portos a cada instante. Os assuntos mudavam, mas o conhecimento e o entusiasmo com que falava dos múltiplos temas, denotava, sempre, a constatação de que ele sabia muito bem do que estava falando. E do que fazia. Deixou a sua marca. E virou eterno em nossas mentes.

Mauro Di Deus

Athos foi viajar o mundo a partir das águas do Tocantins. Se navegar é preciso, imagina poder navegar livremente, com tantos deveres cumpridos, tantas sementes lançadas, tantas missões finalizadas. Eu conheci o Athos em uma palestra sobre Reforma Política, no auditório da Prefeitura de Formosa. Sua fala de mestre, reflexiva e certeira, me encantou. E mestres transformam vidas. Eu sou fruto de um dos seus sonhos: o PT ter representação na Câmara Municipal. Nessas eleições de 2024, dobramos o nosso número na Câmara e, dali, defenderei o que meu mestre Athos sempre nos ensinou: ética, igualdade e justiça social. Obrigada por ter tanta paciência e generosidade para nos ouvir, nos instruir, nos orientar e sonhar junto com todos e todas nós, um outro mundo possível. Gratidão também pela honra de ter você e a Thais como nossos padrinhos de casamento.

Nilza Cristina

Athos Pereira, amigo querido, companheiro de andanças boas, irmão de sonhos, alvoradas e construções. Percorreu muitas estradas e, em todas elas, foi plantando sementes boas e fortes. Teve como última jornada uma sofrida batalha contra um câncer que, finalmente, o venceu. Contudo, serviu para pôr à prova a força, a tenacidade, a indestrutível capacidade de luta e o gosto pela vida deste guerreiro. Agora, de volta ao Tocantins, seu rio querido, em cujas águas suas cinzas foram espalhadas, navega, tal como sonhava, rumo à pátria comum de todas as pátrias: o mundo fraterno da

solidariedade! Sou grato ao Athos não só pela amizade sólida que cultivamos, mas sobretudo pelo aprendizado de vida e, especialmente, da alegria na luta. Reflito sobre os últimos meses no hospital, sobre nossas conversas e as perspectivas dele de como continuar a luta, imaginando o impossível, recuperar sua saúde... Até nos últimos momentos, continuava ali o guerreiro, dono de um coração generoso e de uma inabalável certeza: a vida e a luta valem a pena! Mesmo no leito do hospital, com as forças faltando e já não conseguindo falar, como resposta ainda nos sorria, mesmo que levemente. Essa é a lembrança mais bonita que vou guardar da nossa última conversa.

Neilton Araujo de Oliveira

A gente se conheceu em 2000, na liderança do PT. Athos era o chefe de gabinete e eu a recepcionista. Logo, nossa convivência deu liga, ele sempre me pedia as informações e eu as levava para ele rapidamente. A confiança foi aumentando e a nossa amizade também. De repente, eu já fazia parte do *petit comité* formado por ele, Lúcia Pedroso e Moacyr, que iam às quintas-feiras ao restaurante Dom Francisco almoçar e bater um papo sobre tudo que estava acontecendo. Eu sempre ficava deslumbrada ouvindo o Athos falar. Lembro-me particularmente de um episódio em que ele fez um discurso para o Aloízio Mercadante, na disputa pela presidência da Câmara dos Deputados. Depois de pronto, Mercadante leu o discurso e falou: “pena que o orador não está à altura do autor do texto”. Quantos foram os deputados que usaram as palavras de Athos Pereira em seus discursos, em notas e artigos para jornais, quantos?! Minha admiração só cresceu ao longo dos anos, o carinho que sempre fez parte da nossa amizade se transformou em algo que eu não tinha mais em minha vida: a figura de um pai. Athos entrava na liderança com os cabelos bagunçados, e eu sempre ia com uma escova para pentear. Com o tempo, ele já adentrava a liderança e, ao passar pela minha mesa, que era antes da dele, abaixava a cabeça para eu pentear. Só eu conseguia achar os documentos na mesa dele, ajudava na hora de fazer pesquisas e por aí vai. Eu cuidava dele como se fosse meu pai, e ele agia comigo como se eu fosse filha dele. Às vezes, quando a Thais ia visitar a mãe dela em Goiânia, ele me chamava para almoçarmos juntos aos domingos. A cada encontro, eu voltava admirada para casa, pensando: “caramba, o Athos é muito mais que um Google”. Quantos momentos maravilhosos passamos juntos. A entrega da medalha do mérito legislativo teve dedo meu e do Gustavo Cordeiro; acho que Athos ficou feliz. Teve fila de líderes para conseguir entregar a medalha e, naquele dia, pensei: “acertamos em cheio ao indicar o Athos”. Aquela medalha era só uma pequena homenagem para alguém tão grandioso como ele. Como escrever algo sobre você depois da sua partida? Difícil, né? Ainda mais para mim, uma chorona. Já são quase três



meses que você nos deixou e a saudade está cada vez maior. Penso em você e choro; ainda está muito difícil aceitar que você não está mais aqui, que não vou mais te ver, conversar, sorrir, falar sobre política, te contar os acontecimentos do Congresso Nacional, passear pelo seu jardim, falar sobre a seca e comemorarmos a chegada da chuva, falar sobre as aventuras dos seus cachorros, sobre o Botafogo, seu time do coração. Sua ausência é sentida em cada lembrança, em cada conversa e gesto que compartilhamos. Te amo para sempre, meu comandante, meu pai e meu amigo.

Simone Fagundes

Não pude conhecê-lo profundamente, mas algumas de suas características eram marcantes: a lealdade aos amigos, o bom gosto musical. O Athos era o meu único aluno que gostava de treinar com músicas clássicas, aprendi a gostar de Vivaldi por sua causa. Sempre com o seu humor ácido, Athos fazia piadinhas inteligentes e sarcásticas durante as aulas, se o exercício era muito difícil ele me perguntava onde estava a minha misericórdia cristã. Tantas coisas para admirar! Athos está sendo lembrado por nós e está sendo lembrado com saudade, alegria e muito amor. Obrigada pelo privilégio de te conhecer e de estar por perto nessa reta final. Fui ensinada diariamente a praticar um amor puro e incondicional ao apenas observar todos a sua volta, principalmente a Thais. Seja sempre celebrado, querido Athos.

Talita Cagnoni

Meu querido amigo de última hora. Me atrevo a chamá-lo de amigo e de querido, pois, apesar do pouco tempo de convívio, muitas lições eu tive ao estar com você e Thais em seus últimos dias. Por vezes você só podia me oferecer um sorriso e poucas palavras, em outros momentos um ímpeto pela vida te fazia tentar levantar e, com um olhar determinado e sisudo, mostrar toda a sua disposição em continuar lutando. Em outros dias, só tínhamos a sua presença num sono tranquilo, como quem queria descansar. Obrigado por nos deixar estar por perto até onde nos foi possível. Compartilhei sorrisos, ri de histórias, contei outras, pude oferecer uma massagem e conforto quando suas forças já não estavam lá para acompanhar a sua coragem, ou mesmo apenas para oferecer uma mão amiga em momentos silenciosos, mas cheios de significado. Na breve vida que temos nesse mundo, às vezes nos encontramos com pessoas que nos fazem tê-las com muito gosto em nossa memória e corações, mesmo que seja como um gol aos 45 minutos do segundo tempo. Athos, você será responsabilizado eternamente – como diria o Pequeno Príncipe – pelo que cativou em mim. Do seu amigo de última hora. Um abraço e até breve.

William Carvalho



Cinzas ao rio

As cinzas de Athos Pereira, como era do seu desejo, foram lançadas nas águas do Tocantins, o rio de sua memória, no entardecer do dia 12 de outubro de 2024.

Sensibilizada, sua família agradece todas as manifestações de carinho, expressadas por tanta gente, ao longo dessa jornada de despedidas.

Família Athos Pereira da Silva



20/11
DIA DA
CONSCIÊNCIA
NEGRA





ORGULHO E RESISTÊNCIA

O Brasil, um país moldado pela diversidade, carrega em sua essência a força e a riqueza da herança africana. Desde a música e a dança até a espiritualidade e a luta, nossa cultura é um reflexo vibrante de um legado que atravessa gerações. No dia 20 de novembro, celebramos essa história de orgulho e resistência, que nos ensina a honrar o passado e a construir um futuro mais justo e inclusivo.





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

